



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

O EQUIPAMENTO E O ESPAÇO PÚBLICO COMO GERADORES DE URBANIDADE E SOCIABILIDADE:

O CASO DE ODIVELAS, ENTRE A COLINA E AS
AUGI'S

David Pereira Neves
(Licenciado)

Projecto Final de Mestrado
Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico: Professor Doutor Francisco Oliveira
Co-orientador Científico: Professor Doutor Pedro Rodrigues

Juri:

Presidente: Doutor Miguel Baptista Bastos
Vogal: Doutora Ana Marta Feliciano

Lisboa, FAUTL, Novembro de 2013

AGRADECIMENTOS

Uma palavra de agradecimento a todos os que directa ou indirectamente contribuíram para o presente Projecto Final de Mestrado. Obrigado aos meus pais e à minha irmã pela paciência e compreensão. Obrigado aos Professores Francisco Oliveira e Pedro Rodrigues, pela partilha de saber, mas também pela paciência e acessibilidade. Obrigado também aos meus colegas e companheiros de trabalho, especialmente à Laura e ao Tiago.

Queria agradecer ainda à Câmara Municipal de Odivelas, à Kate Swade do Coin Street Neighbourhood Centre, ao Mark George da Idea Store Whitechappel e ao Leslie Boodram da Westminster Academy.



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

Título da Dissertação: O Equipamento e o Espaço Público como Geradores de Urbanidade e Sociabilidade: O Caso de Odivelas, entre a colina e as “AUGI’s” (Aglomerados Urbanos de Génese Ilegal)

Nome do Aluno: David Pereira Neves

Orientador Científico: Professor Doutor Francisco Oliveira

Co-orientador Científico: Professor Doutor Pedro Rodrigues

Mestrado: Integrado em Arquitectura

Data: Novembro de 2013

RESUMO

A presente dissertação procura clarificar os conceitos de Urbanidade e Sociabilidade e de que forma estes podem ser gerados ou geradores de espaço público, quer exteriores (ruas e praças), ou interiores (centros comunitários e equipamentos). Neste sentido, reflecte-se sobre o papel dos usos e equipamentos como plataformas de práticas, hábitos e rotinas criadoras de familiaridade e sociabilidade no espaço público, deixando espaço à espontaneidade e práticas da cultura urbana de apropriação e movimento (permanência vs. transitoriedade).

O tema é abordado através da análise de obras teóricas, exemplos práticos e pelo projecto concebido no contexto da dissertação, que consiste num equipamento público na cidade de Odivelas, entre a Colina do Cruzeiro e a Quinta da Arroja. O objectivo deste equipamento é servir estas duas diferentes vizinhanças, potenciando as relações entre os seus moradores, e integrado num parque urbano que atraia não apenas os moradores dos bairros adjacentes, mas também moradores de outros bairros do concelho. Tendo como objectivos a regeneração e interligação urbana e social da cidade de Odivelas.

Palavras-chave: Espaço público, equipamento, urbanidade, sociabilidade, permanência, transitoriedade



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

Title: The Equipment and the Public Space as Generators of Urbanity and Sociability: The Case of Odivelas, Between the Hill and the “AUGI’S” (Urban Agglomerates of Illegal Genesis)

Student’s Name: David Pereira Neves

Scientific Advisor: Professor Francisco Oliveira

Scientific Co-advisor: Professor Pedro Rodrigues

Master’s Degree in: Integrated Architecture

Date: November 2013

ABSTRACT

The present dissertation focuses on the concepts of Urbanity and Sociability and in the way that this can be generated or generate public space, whether being exterior (streets and squares), or interior (community centres and urban facilities). In this sense, a reflection is taken on the role of the uses, community centres and public service centres as platforms for practices, habits and routines that create familiarity and sociability in public space, leaving room for spontaneity and practices of urban culture of ownership and movement (permanency vs. transitoriness).

The theme is studied through the analysis of theoretical oeuvres, practical examples and the project being conceived in the context of this dissertation, which includes a public service centre on the city of Odivelas, between the Colina do Cruzeiro and the Quinta da Arroja. This public service centre aim is to serve these two very different neighbourhoods, enhancing the social relations of its inhabitants, while being integrated in an urban park that attracts not only the around neighbours, but also other inhabitants of the county, not losing sight of urban and social regeneration and connection of the city of Odivelas.

Key Words: Public Space, equipment, urbanity, sociability, permanency, transitoriness

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	III
ABSTRACT	V
ÍNDICE DE FIGURAS	IX
SIGLAS	XV
INTRODUÇÃO	1
1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1 URBANIDADE E SOCIABILIDADE	3
1.1.1 “A Rua como um Lugar dentro da Cidade”	5
1.2 ESPAÇO E IDENTIDADE	7
1.2.1 Permanência vs Transitoriedade	9
2 ESTADO DA ARTE.....	11
2.1 ANÁLISE DE CASOS RELEVANTES	11
2.1.1 Equipamentos	12
2.1.2 Espaço Público.....	40
2.1.3 Síntese de Equipamentos Visitados	55
3 “O CASO DE ODIVELAS”	59
3.1 ENQUADRAMENTO ESPACIAL E SOCIAL	61
3.1.1 O Concelho de Odivelas	61
3.1.2 A Freguesia de Odivelas.....	62
3.2 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	67
3.2.1 Localização	69
3.2.2 Análise SWOT.....	72
3.2.3 Intenções.....	73
3.2.4 Proposta	73
CONCLUSÃO.....	81
ÍNDICE ANALÍTICO	83
BIBLIOGRAFIA.....	85
ANEXOS.....	I
I DOCUMENTOS DE APOIO	III

I.i	Enunciado do trabalho da cadeira de Laboratório de Projecto VI – Professor Dr. Pedro Rodrigues, Arq. Professor Dr. Rui Barreiros Duarte, Arq. - MIArq 5ª D - 2011-2012.....	III
I.ii	Análise Sócio-Económica	XV
I.iii	Fichas de Usos	XXI
II	FOTOGRAFIAS DAS MAQUETAS	XXXV
II.i	Maqueta 1/500.....	XXXV
II.ii	Maqueta 1/200.....	XXXIX
III	PEÇAS DESENHADAS	XLV

ÍNDICE DE FIGURAS

Figuras:

FIGURA 1: BPPL	15
FIGURA 2: BPPL – PÁTIO EXTERIOR	15
FIGURA 3: BPPL – ENVIDRAÇADOS	15
FIGURA 4: BPPL – BIBLIOTECA	15
FIGURA 5: BPPL – BIBLIOTECA	15
FIGURA 6: BPPL – BIBLIOTECA	15
FIGURA 7: BPPL – COBERTURA	15
FIGURA 8: BPPL – COBERTURA E CLARABÓIAS	15
FIGURA 9: CSNC	19
FIGURA 10: CSNC – HABITAÇÕES COOPERATIVAS	19
FIGURA 11: CSNC – RECEPÇÃO	19
FIGURA 12: CSNC – ACESSOS VERTICAIS.....	19
FIGURA 13: CSNC – ACESSOS VERTICAIS.....	19
FIGURA 14: CSNC – PORMENOR DE CORRIMÃO PARA CRIANÇAS	19
FIGURA 15: CSNC – SALA MULTIUSOS.....	19
FIGURA 16: CSNC – TERRAÇO	19
FIGURA 17: DE KAMERS HOUSE OF CULTURE	23
FIGURA 18: DE KAMERS HOUSE OF CULTURE	23
FIGURA 19: DE KAMERS HOUSE OF CULTURE – SALA DE LEITURA	23
FIGURA 20: DE KAMERS HOUSE OF CULTURE – SALA DE LEITURA	23
FIGURA 21: DE KAMERS HOUSE OF CULTURE – AUDITÓRIO.....	23
FIGURA 22: DE KAMERS HOUSE OF CULTURE – AUDITÓRIO.....	23
FIGURA 23: DE KAMERS HOUSE OF CULTURE – SALA MULTIUSOS	23
FIGURA 24: DE KAMERS HOUSE OF CULTURE – BAR/REFEITÓRIO.....	23
FIGURA 25: IDEA STORE – MERCADO DE RUA	27
FIGURA 26: IDEA STORE – ENTRADA	27
FIGURA 27: IDEA STORE – BIBLIOTECA INFANTIL	27
FIGURA 28: IDEA STORE – CIBERSALA	27
FIGURA 29: IDEA STORE – CRECHE	27
FIGURA 30: IDEA STORE – SALA DE TERAPIA	27
FIGURA 31: IDEA STORE – INTEGRAÇÃO DAS ESTANTES NA ESTRUTURA DO EDIFÍCIO.....	27
FIGURA 32: IDEA STORE – INTEGRAÇÃO DAS SECRETÁRIAS NA ESTRUTURA DO EDIFÍCIO.....	27
FIGURA 33: SESC POMPÉIA	31
FIGURA 34: SESC POMPÉIA	31

FIGURA 35: SESC POMPÉIA.....	31
FIGURA 36: SESC POMPÉIA – ZONA DE ESTAR	31
FIGURA 37: SESC POMPÉIA – ZONA DE ESTAR	31
FIGURA 38: SESC POMPÉIA – ZONA DE ESTAR	31
FIGURA 39: SESC POMPÉIA – BIBLIOTECA	31
FIGURA 40: SESC POMPÉIA – AUDITÓRIO	31
FIGURA 41: WESTMINSTER ACADEMY – FACHADA EXTERIOR	35
FIGURA 42: WESTMINSTER ACADEMY – CAMPOS DE JOGOS	35
FIGURA 43: WESTMINSTER ACADEMY – ÁTRIO INTERIOR	35
FIGURA 44: WESTMINSTER ACADEMY – ÁTRIO INTERIOR	35
FIGURA 45: WESTMINSTER ACADEMY – SALA DE AULAS	35
FIGURA 46: WESTMINSTER ACADEMY – SALAS DE AULA	35
FIGURA 47: WESTMINSTER ACADEMY – PORMENOR DO TECTO	35
FIGURA 48: WESTMINSTER ACADEMY – PLANO GERAL DO INTERIOR	35
FIGURA 49: YOUNG VIC.....	39
FIGURA 50: YOUNG VIC – ENTRADA/ BILHETEIRA.....	39
FIGURA 51: YOUNG VIC – FOYER/ RESTAURANTE.....	39
FIGURA 52: YOUNG VIC – FOYER/ RESTAURANTE.....	39
FIGURA 53: YOUNG VIC – BAR.....	39
FIGURA 54: YOUNG VIC – VESTÍBULO DO AUDITÓRIO.....	39
FIGURA 55: YOUNG VIC – ESPLANADA	39
FIGURA 56: YOUNG VIC – ESPLANADA	39
FIGURA 57: PARC DEL FÓRUM	43
FIGURA 58: PARC DEL FÓRUM – MUSEU BLAU.....	43
FIGURA 59: PARC DEL FÓRUM – GRANDE ESPLANADA.....	43
FIGURA 60: PARC DEL FÓRUM – ZONA BALNEAR	43
FIGURA 61: PARC DEL FÓRUM - ANFITEATRO	43
FIGURA 62: PARC DEL FÓRUM – BOSQUE DAS COLUNAS	43
FIGURA 63: PARC DEL FÓRUM – BOSQUE DAS COLUNAS	43
FIGURA 64: PARC DEL FÓRUM – PERCURSOS.....	43
FIGURA 65: PARQUE DAS NAÇÕES.....	47
FIGURA 66: PARQUE DAS NAÇÕES – PAVILHÃO DE PORTUGAL	47
FIGURA 67: PARQUE DAS NAÇÕES - VULCÃO.....	47
FIGURA 68: PARQUE DAS NAÇÕES - PERCURSOS	47
FIGURA 69: PARQUE DAS NAÇÕES – ZONAS VERDES.....	47
FIGURA 70: PARQUE DAS NAÇÕES – PAVILHÃO ATLÂNTICO.....	47
FIGURA 71: PARQUE DAS NAÇÕES - PERCURSOS	47
FIGURA 72: PARQUE DAS NAÇÕES - PERCURSOS	47
FIGURA 73: PARQUE DOS POETAS – ENTRADA PRINCIPAL.....	51

FIGURA 74: PARQUE DOS POETAS – ENTRADA PRINCIPAL - ROTUNDA	51
FIGURA 75: PARQUE DOS POETAS – ANFITEATRO E PERCURSOS	51
FIGURA 76: PARQUE DOS POETAS – MOBILIÁRIO URBANO	51
FIGURA 77: PARQUE DOS POETAS – PORMENOR DAS TRASEIRAS DE EDIFÍCIO	51
FIGURA 78: PARQUE DOS POETAS – PERCURSOS – MATERIALIDADES	51
FIGURA 79: PARQUE DOS POETAS – PERCURSOS E SINALÉTICA – MATERIALIDADES	51
FIGURA 80: PARQUE DOS POETAS – PERCURSOS	51
FIGURA 81: PARQUE DO CACÉM – RIBEIRA	54
FIGURA 82: PARQUE DO CACÉM - PERCURSOS	54
FIGURA 83: PARQUE DO CACÉM – PERCURSOS E MATERIALIDADES	54
FIGURA 84: PARQUE DO CACÉM – PERCURSOS E MOBILIÁRIO URBANO	54
FIGURA 85: PARQUE DO CACÉM – PERCURSOS E ZONA LÚDICA	54
FIGURA 86: PARQUE DO CACÉM – MOBILIÁRIO URBANO E MATERIALIDADES	54
FIGURA 87: PARQUE DO CACÉM – ZONA LÚDICA	54
FIGURA 88: PARQUE DO CACÉM – PERCURSOS	54
FIGURA 89: IDEA STORE WHITECHAPEL	55
FIGURA 90: IDEA STORE WHITECHAPEL – INTERIOR DO EDIFÍCIO	55
FIGURA 91: YOUNG VIC THEATRE	56
FIGURA 92: YOUNG VIC THEATRE – AUDITÓRIO	56
FIGURA 93: COIN STREET NEIGHBOURHOOD CENTRE	57
FIGURA 94: COIN STREET NEIGHBOURHOOD CENTRE – ACESSOS VERTICAIS	57
FIGURA 95: WESTMINSTER ACADEMY	58
FIGURA 96: WESTMINSTER ACADEMY – ÁTRIO INTERIOR	58
FIGURA 97: DINÂMICAS TERRITORIAIS DA AML	64
FIGURA 98: MODELO TERRITORIAL DA AML	65
FIGURA 99: IMPLANTAÇÃO DA PROPOSTA DA FASE DE GRUPO	68
FIGURA 100: ENQUADRAMENTO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO	69
FIGURA 101: COLINA DO CRUZEIRO	70
FIGURA 102: QUINTA DA ARROJA	71
FIGURA 103: PROPOSTA - IMPLANTAÇÃO E PARQUE URBANO	74
FIGURA 104: PROPOSTA - PLANTA GERAL - PISO 0	75
FIGURA 105: PROPOSTA - NÚCLEO DA CULTURA	77
FIGURA 106: PROPOSTA - NÚCLEO DA EDUCAÇÃO	78

Conjuntos de Figuras:

CONJUNTO DE FIGURAS 1: BIBLIOTECA PÚBLICA Y PARQUE DE LECTURA – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO	13
--	----

CONJUNTO DE FIGURAS 2: COIN STREET NEIGHBOURHOOD CENTRE – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO	17
CONJUNTO DE FIGURAS 3: DE KAMERS HOUSE OF CULTURE – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO.....	21
CONJUNTO DE FIGURAS 4: IDEA STORE WHITECHAPEL – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO	25
CONJUNTO DE FIGURAS 5: SESC POMPÉIA – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO	29
CONJUNTO DE FIGURAS 6: WESTMINSTER ACADEMY – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO	33
CONJUNTO DE FIGURAS 7: YOUNG VIC THEATRE – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO.....	37
CONJUNTO DE FIGURAS 8: PARC DEL FÓRUM – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO.....	41
CONJUNTO DE FIGURAS 9: PARQUE DAS NAÇÕES – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO.....	45
CONJUNTO DE FIGURAS 10: PARQUE DOS POETAS – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO	49
CONJUNTO DE FIGURAS 11: PARQUE URBANO DO CACÉM – LOCALIZAÇÃO E IMAGEM DE CONJUNTO	53
CONJUNTO DE FIGURAS 12: ENQUADRAMENTO DO CONCELHO E FREGUESIA DE ODIVELAS	61
CONJUNTO DE FIGURAS 14: EVOLUÇÃO DA FREGUESIA DE ODIVELAS (1937 - 1965)	63
CONJUNTO DE FIGURAS 14: EVOLUÇÃO DA FREGUESIA DE ODIVELAS (1993 - 2011)	63

Tabelas:

TABELA 1: ÁREAS DO EDIFICADO PROPOSTO.....	76
--	----

Fontes:

Figuras 1-8:	http://www.lejarraga.com/?portfolio=biblioteca-publica-y-parque-de-lectura-en-torre-pacheco-murcia [consultado em 2013-03-02]
Figuras 9-16	Acervo do Autor
25-32	
41-56	
73-80	
89-91	
93-96	
100-106	
Figuras 17-24	http://www.kortekniestuhlmacher.nl/?q=/node/26 [consultado em 2013-02-27]
Figura 33	http://www.architravel.com/architravel/building/sesc-pompeia/ [consultado em 2013-04-08]
Figuras 34, 37 e 40	http://casaeclima.blogspot.pt/2012/03/sesc-pompeia.html [consultado em 2013-04-08]
Figura 35	http://linabobarditogether.com/2012/08/03/the-making-of-sesc-pompeia-by-marcelo-ferraz/ [consultado em 2013-04-08]
Figura 36	Ciro Miguel – 2010

Figura 38	Antônio Saggese – 1977
Figura 39	Pablo Colquillat – 2010
Figuras 57, 58, 62 e 63	http://www.bsmsa.cat/es/actividades-y-espacios/parc-del-forum/index.html [consultado em 2013-05-16]
Figura 59	http://www.hostalmarenostrum.com/fra/agenda-barcelone [consultado em 2013-05-16]
Figura 60	http://www.sitiosdebarcelona.net/2012/01/zona-de-banos-del-parc-del-forum/ [consultado em 2013-05-16]
Figura 61	http://www.efestivals.co.uk/festivals/primavera/2014 [consultado em 2013-07-25]
Figura 64	Pedro Kok – 2009
Figura 65, 66, 68-72	http://www.parqueexpo.pt/conteudo.aspx?caso=projetos&lang=pt&id_class=201&name=Parque-das-Nacoes [consultado em 2013-05-16]
Figura 68	http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parque_das_Na%C3%A7%C3%B5es_-_Lisboa_(Portugal)3.jpg [consultado em 2013-05-17]
Figuras 81-88	Tiago Reis – 2013
Figura 92	http://www.youngvic.org/home [consultado em 2013-03-17]
Figuras 97-98	Bairro na Cidade - Redesenhar e Requalificar o Lugar Entre Espaços “Ligar o Construir no Construído” FA-UTL - Laboratório de Projecto VI - Professor Dr. Pedro Rodrigues, Arq. Professor Dr. Rui Barreiros Duarte, Arq. MI Arq 5ª D 2011-2012 Daniel Flores, Inês Morgado, Rui Magalhães, Tânia Paulo
Figura 99	Trabalho de grupo MI Arq 5ª D 2011-2012 David Neves, Margarida Oliveira, Tiago Galego, Tiago Reis
Conjunto de figuras 1	Google earth e http://www.lejarraga.com/?portfolio=biblioteca-publica-y-parque-de-lectura-en-torre-pacheco-murcia [consultado em 2013-03-02]
Conjunto de figuras 2	Google earth e http://www.coinstreet.org/developments/coinstreetneighbourhoodcentre.html [consultado em 2013-03-02]
Conjunto de figuras 3	Google earth e http://www.kortekniestuhlmacher.nl/?q=/node/26 [consultado em 2013-02-27]
Conjunto de figuras 4	Google earth e fotografia do autor

Conjunto de figuras 5	Google earth e http://linabobarditogether.com/2012/08/03/the-making-of-sesc-pompeia-by-marcelo-ferraz/ [consultado em 2013-04-08]
Conjunto de figuras 6	Google earth e http://www.westminsteracademy.net/Overview.php [consultado em 2013-03-02]
Conjunto de figuras 7	Google earth e http://www.youngvic.org/home [consultado em 2013-03-17]
Conjunto de figuras 8	Google earth e http://www.bsmsa.cat/es/actividades-yespacios/parc-del-forum/index.html [consultado em 2013-05-16]
Conjunto de figuras 9	Google earth e http://www.parqueexpo.pt/conteudo.aspx?caso=projetos&lang=pt&id_class=201&name=Parque-das-Nacoes [consultado em 2013-05-16]
Conjunto de figuras 10	Google earth e http://espacoememoria.blogspot.pt/2011/06/descoberta-do-patrimonio-visita-ao.html [consultado em 2013-05-16]
Conjunto de figuras 11	Google earth e Tiago Reis – 2013
Conjunto de figuras 12	Bairro na Cidade - Redesenhar e Requalificar o Lugar Entre Espaços “Ligar o Construir no Construído” FA-UTL - Laboratório de Projecto VI - Professor Dr. Pedro Rodrigues, Arq. Professor Dr. Rui Barreiros Duarte, Arq. MI Arq 5ª D 2011-2012 Daniel Flores, Inês Morgado, Rui Magalhães, Tânia Paulo
Conjunto de figuras 13/14	Bairro na Cidade - Redesenhar e Requalificar o Lugar Entre Espaços “Ligar o Construir no Construído” FA-UTL - Laboratório de Projecto VI - Professor Dr. Pedro Rodrigues, Arq. Professor Dr. Rui Barreiros Duarte, Arq. MI Arq 5ª D 2011-2012 Francisco Santos, Inês Churro, Inês Goulão, Nuno Machado

SIGLAS

AML	Área Metropolitana de Lisboa
AUGI	Aglomerado Urbano de Génese Ilegal
BPPL	Biblioteca Pública y Parque de Lectura
CMO	Câmara Municipal de Odivelas
CMO-DPE	Câmara Municipal de Odivelas – Departamento de Planeamento Estratégico
CREL	Circular Regional Exterior de Lisboa
CRIL	Circular Regional Interior de Lisboa
CSNC	Coin Street Neighbourhood Centre
PROT	Plano Regional de Ordenamento do Território
RSCO	Rede Social do Concelho de Odivelas

INTRODUÇÃO

No seguimento do trabalho realizado no 9º Semestre do Mestrado Integrado em Arquitectura, no âmbito da cadeira de Laboratório de Projecto VI, em protocolo com a Câmara Municipal de Odivelas (CMO), a proposta de projecto final de mestrado centra-se na problemática do espaço público e do equipamento como geradores e potenciadores de urbanidade e sociabilidade, tendo como área de intervenção um terreno expectante de Odivelas, situado entre a Colina do Cruzeiro e a Quinta da Arroja, no mesmo concelho.

Procura-se clarificar os conceitos de Urbanidade e Sociabilidade e de que forma estes podem ser gerados (ou geradores) de espaço público. Neste sentido, reflecte-se sobre o papel dos usos e equipamentos como plataformas de práticas, hábitos e rotinas criadoras de familiaridade e sociabilidade no espaço público, deixando espaço à espontaneidade e práticas da cultura urbana de apropriação e movimento (permanência vs. transitoriedade). Esta reflexão é feita através de uma análise histórica da evolução das cidades e dos seus espaços. Questiona-se ainda o que faz de um espaço público um espaço de urbanidade e sociabilidade; se espaços reservados a uma comunidade específica de utilizadores (espaços de vizinhança) são ou não verdadeiros espaços públicos; e como pode o espaço público potenciar-se como espaço permanência e transitoriedade.

Propõe-se então, na área de intervenção, um equipamento público que sirva as envolventes residenciais, (Colina do Cruzeiro, Quinta da Arroja, AUGI's, etc...), potenciando as relações entre os seus moradores, e integrado num parque urbano que atraia não apenas os moradores dos bairros adjacentes, mas também moradores de outros bairros do concelho, tendo como objectivo a regeneração e interligação urbana e social da cidade de Odivelas.

Na primeira fase procedeu-se a uma análise e enquadramento da área de intervenção, foi feita uma análise histórica, espacial e social do local, bem como uma análise SWOT, com vista à percepção das potencialidades e necessidades de Odivelas.

A par com esta análise fez-se também uma pesquisa relativa à situação prática e teórica do conhecimento, envolvendo obras teóricas e exemplos práticos considerados como sendo de estudo.

Numa segunda fase, foi desenvolvida a proposta de intervenção, através de um processo de projecto.

Por fim, com um conjunto de peças desenhadas e com o presente relatório, conclui-se o processo de trabalho com os resultados que se propõem para a área de intervenção.

1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 URBANIDADE E SOCIABILIDADE

Urbanidade

(latim *urbanitas, -atis*)

s. f.

1. Qualidade do que é urbano. ≠ RURALIDADE
2. Vida de cidade.
3. [Figurado] Cumprimento das regras de boa educação e de respeito no relacionamento entre cidadãos. = AFABILIDADE, CIVILIDADE, CORTESIA ≠ DESCORTESIA, INDELICADEZA.¹

Sociabilidade

s. f.

1. Qualidade do que é sociável.
2. Modos de quem vive em sociedade.
3. Tendência para viver em sociedade.²

Urbanidade, segundo Manuel Graça Dias em *Manual das Cidades*, é o equilíbrio entre a cidade enquanto território colectivo e a individualidade de cada cidadão, “equilíbrio em que simultaneamente nos respeitamos e às nossas diferenças – é esse o sentido da palavra *urbanidade* –” (DIAS 2006). Já Sieber em *Ruas da Cidade e Sociabilidade Pública: Um Olhar a partir de Lisboa*, explica a sociabilidade (na Europa do Sul) como, “(...) uma vida de rua rica e intensa na qual os participantes investem parte das suas vidas privadas.”, acentuando a heterogeneidade social sempre presente nos espaços públicos do Sul da Europa (SIEBER 2008, LEONTIDOU 1990).

Mas a cidade nem sempre foi o território colectivo e heterogéneo que conhecemos, basta pensar na *pólis* grega, lugar onde determinado povo, com a mesma cultura, tradição e passado, habita, “Quando um grego fala de *pólis* pretende, antes de mais, indicar a sede, a residência, o lugar em que um determinado *génos*, uma determinada estirpe, uma gente (*gens/génos*) tem as suas raízes. (...) A *pólis* é o lugar onde determinada gente, específica no que toca a tradições e costumes, tem a sua sede, reside, onde tem o seu próprio *éthos*.” (CACCIARI 2009). Já o termo Romano *civitas* aponta para o termo *civis*, conjunto de pessoas de diferentes proveniências, religiões e culturas que habitam numa mesma cidade,

¹ In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <http://www.priberam.pt> [consultado em 2013-05-11].

² *Idem ibidem*.

respeitando as diferenças e individualidades de cada *cive*, sob a mesma lei. Aqui o passado não interessa, nem o passado dos *cives*, nem o da *civitas*; a cidade romana, ao contrário da grega, bem definida e delimitada, presa ao passado étnico, projecta-se no futuro, cresce e «delira»³. “A cidade projectada no futuro junta os cidadãos, não o passado da *gens*, não o sangue.” (CACCIARI 2009).

A cidade europeia até ao período barroco assenta e desenvolve-se a partir da *civitas* romana, uma cidade confluência de povos e culturas que se submetem a uma mesma lei. Mas a partir do século XV operou-se uma destruição em nome da cidade mercantil e industrial, o espaço público da cidade como lugar de partilha comunitária é relegado para segundo plano, em nome dos espaços de produção de troca e de mercado, “Desaparecem os lugares simbólicos tradicionais, sufocados pela afirmação dos lugares de troca, expressão da mobilidade da cidade, (...)” (CACCIARI 2009). Surge então a metrópole, mas esta evolução apenas foi possível porque a cidade europeia germina da *civitas* romana e porque assenta agora na ideia dos lugares como de produção, troca e mercado. Uma das consequências da metrópole é o “surgimento” dos centros históricos, lugares museu onde as nossas memórias são colocadas, inertes, e deixam então de ser memória, pois a memória apenas o é quando é viva e imaginativa, fonte e confluência.

A cidade é agora um espaço indefinido e uniforme nos seus lugares, fala-se agora de «aglomeração» (FREITAG 2004). Aglomerações em torno de centros históricos, acentuando a sua museificação e asfixia. Estas aglomerações baseiam-se em lógicas de transporte e tráfego, actividades e ocupações, em confronto com a antiga lógica de unidade, conjunto e integração. Outra característica destas aglomerações é a rapidez com que a sua evolução se processa, freando ou impedindo a conservação de memórias. “Assistimos assim, através do efeito de jogo de todos estes factores heterogéneos a uma verdadeira decomposição da unidade do espaço urbano, não só horizontal, mas também verticalmente, não só material, mas também simbolicamente.” (FREITAG 2004).

Desaparece assim a relação com a *pólis* grega, a cidade pós-metrópole tornou-se uma sucessão, uma interposição de processos (como uma máquina) nos seus eixos económicos, políticos e sociais; Centros directivos e simbólicos por um lado, periferias populares, subúrbios, por outro. Desaparecem os lugares enquanto de encontro e sociabilidade, asfixiados pela pós-metrópole, em prol dos lugares de passagem.

³ “A *lira* é o sulco, sinal que delimitava a cidade, delírio significa sair da *lira*, ultrapassar os limites da cidade.” (CACCIARI 2009)

Com esta evolução surge a nostalgia da *pólis*, da cidade-lugar, bem definida e delimitada, lugar da urbanidade e da sociabilidade, por outro lado, cada vez mais entendemos a cidade como uma ferramenta, uma máquina ao serviço dos nossos negócios. Pedimos à cidade que seja *pólis* e *civitas* ao mesmo tempo; mas esta posição contraditória pode ser o ponto de partida de novos lugares. “Continuamos nós a ser lugares, como podemos não querer ser lugares? Porém, os lugares desejáveis já não podem ser os da *pólis* nem sequer os das metrópoles industriais. Têm que ser lugares onde as características da mobilização universal conseguem estar representadas.” (CACCIARI 2009).

1.1.1 “A RUA COMO UM LUGAR DENTRO DA CIDADE”

“(...) abordando a rua como um lugar dentro da cidade, um lugar que podemos tomar como uma espécie de diagnóstico sobre aspectos fundamentais da qualidade de vida urbana e do carácter de uma cidade.” (SIEBER 2008).

A cidade e os espaços públicos (eixos, itinerários, ruas, encruzilhadas e praças) que a formam são o lugar por excelência das relações. Estes eixos, segundo Augé em *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, não são noções independentes umas das outras, intersectam-se e confundem-se, uma rua ou itinerário pode passar por uma praça, ou cruzar outra rua e formar um novo espaço social. Mas as recentes tendências de privatização e polarização do espaço público vêm complicar esta noção de espaço público. Manuel Graça Dias fala do espaço público como um território de liberdade, imprevisto e contrastes, um espaço, ainda que mediado pela lei (perante a qual todos os cidadãos são iguais), pessoas, grupos e minorias diferentes, de várias idades, géneros e classes estão lado a lado, em confronto e em público, gerando a diversidade que reconhecemos na cidade (verdadeira), cidade complexa, multifuncional, rica e fantástica. João Pedro Nunes identifica que o critério mais importante para definir um espaço como público é o facto de poder ser acedido por qualquer pessoa, a qualquer hora, sem discriminação (DIAS 2006, 2012, NUNES 2012).

Para Sieber a fronteira entre espaço público e privado, nas sociedades mediterrânicas, é muito mais ténue, referindo o carácter colectivista do uso do espaço, em que o espaço público e o privado se intersecta e sobrepõe, onde a rua é vista e entendida como uma extensão da casa privada. “A rua opera a ligação espacial mais imediata com o

domínio público e, de facto, permite albergar temporariamente extensões criativas do espaço privado, doméstico, constituindo o palco para a expressão de identidades de grupo, especialmente culturais.” (SIEBER 2008). Esta interacção, informalidade, espontaneidade e sociabilidade presentes nas ruas da Europa do Sul e, evidentemente, de Odivelas, permite que a rua seja um foco de atracção e de integração, não sendo necessário o conhecimento mútuo para criar uma comunidade assente numa familiaridade de rua (*sidewalk familiarity*), mantendo a sociabilidade (JACOBS 1961). O (verdadeiro) espaço público como o das ruas (verdadeiras) funciona então como um espaço flexível e acessível a todas as classes, géneros e idades, uma plataforma de práticas, hábitos e rotinas geradoras de familiaridade e sociabilidade, ao mesmo tempo que deixa espaço à espontaneidade e às práticas de movimento, um lugar que não é nem *pólis*, nem *civitas*, mas um lugar onde “(...) os grupos sociais se intersectem e sobreponham, em vez de permanecer isolados pela distância ou pelas paredes de defesa.” (W. MITCHELL 1999).

1.2 ESPAÇO E IDENTIDADE

“O lugar (...) é, precisamente, um lugar: o que ocupam os indígenas que aí vivem, que aí trabalham, que o defendem, marcam os seus pontos fortes, vigiam as suas fronteiras, mas nele detectam também o traço das potências ctónicas ou celestes, dos antepassados ou dos espíritos (...)” (AUGÉ 2006).

Freitag em *Arquitectura e Sociedade*, refere que a arquitectura começa por produzir um lugar, um espaço como propriamente humano, socializado e apropriado pelo homem, espaço privilegiado das relações sociais, correspondendo a uma materialização da sociedade. “É nesse espaço que a sociedade se torna visível para si própria.” (FREITAG 2004). O espaço exprime a identidade da sociedade, o seu sentido simbólico e as suas práticas de permanência e transitoriedade. O objecto da arquitectura é então a própria sociedade, é a arte de construir o nosso lugar no mundo e de o marcar como nosso.

Este espaço humano, organizado e socializado, o «lugar antropológico», segundo Augé, possui três características fundamentais, é identitário, faz parte da construção da identidade individual e colectiva; é relacional, na medida em que os elementos que o ocupam se distribuem em coexistência; e é histórico, as relações que nele se inscrevem, desenrolam-se e caracterizam-se no tempo.

Com a cidade pós-metrópole e consequente afectação do espaço à produção ou à circulação, a cidade, o lugar, o espaço, tende a dissolver-se na «associedade», as relações entre o homem e o espaço reduzem-se às resultantes de dois vectores impessoais, os de afastamento, que leva o homem a recolher-se no seu espaço privado, e os de aproximação, por razões de economia e utilidade. Somos assim feitos reféns da cidade pós-metrópole, dominadora e incontrolável, que no seu crescimento absorve todo o espaço que a envolve. “E no seu crescimento incontrolado arrasa tudo, desde a paisagem natural até ao próprio homem que a cria. (...) é uma espécie de monstro que o homem gerou para seu serviço e utilidade mas que, por dominante que passou a ser, o domina agora nas suas garras. E cresce, cresce sempre, porque para a cidade parar é morrer. E porque cresce em ritmo quase louco, não é mais possível impor um sistema de relações coerente entre os seus espaços organizados e ela constitui assim mais uma soma de espaços do que um todo estruturado.” (TÁVORA 1962).

O território pós-metropolitano é anti-espacial, toda a métrica espacial é entendida como uma barreira a ultrapassar. Mas quanto mais nos queremos deslocar no território, no espaço, mais este nos impede, quer por problemas de trânsito, quer pela sua massa construída, pelas arquitecturas, presenças fortes que contrastam com o desejo de movimento e com o tempo da pós-metrópole. As suas massas absorvem a energia da metrópole, ao contrário do que sucedia na cidade, onde a arquitectura correspondia ao tempo das funções e relações, a arquitectura enriquecia e reforçava o espaço estruturado. Outra característica deste território, destas aglomerações, é o recuo da sociedade aos espaços fechados e privados, que não são apenas a habitação, podem ser o condomínio, um bairro residencial, ou até mesmo um centro comercial. Esta tendência revela por um lado a necessidade de comunidade, mas por outro, a de privacidade. Falamos de cidade, mas vivemos regulados por formas no direito privado, “(...) quer dizer que nos <movemos> no contexto de algo que nos obstinamos a chamar cidade, mas <moramos>, habitamos num condomínio.” (CACCIARI 2009).

Habitamos em territórios, aglomerações de funções distribuídas sem outra lógica que não a especulativa, as fronteiras entre uma e outra cidade são meramente administrativas, sem sentido geográfico ou simbólico. Ainda existem centros, ou polaridades, mas que cada vez mais se podem organizar por todo o lado no território. Este território é uma geografia de funções e ligações não espaciais, cujo limite é o da rede de comunicações. O seu principal obstáculo são os já referidos, «lugares antropológicos»; lugares ricos, identitária, simbólica e historicamente.

Como conciliar então estas duas posições, como conciliar a metrópole funcional com a cidade antropológica? “Temos que <inventar> correspondências, analogias entre o território pós-metropolitano, em que vivemos, e edifícios, lugares onde conseguir habitar; temos que <inventar> novos edifícios que sejam lugares, mas lugares para a vida pós-metropolitana, lugares que expressem e reflectam o tempo, o movimento.” (CACCIARI 2009).

A busca deste todo estruturado tem que resultar assim da harmonia da sociedade consigo própria e com o mundo que a rodeia.

1.2.1 PERMANÊNCIA VS TRANSITORIEDADE

Gordon Cullen, em *Paisagem Urbana*, fala de duas formas de apropriação do espaço, pela permanência, e pela transitoriedade. A ocupação pela permanência é estática, pode ser um grupo de pessoas jogando às cartas numa mesa de jardim, alguém que se senta a descansar num banco ou numas escadas, alguém que pára para apreciar a paisagem à sombra de uma árvore. Já a ocupação pela transitoriedade é fluida, é feita pelo movimento de pessoas que atravessam uma alameda ou um carreiro num parque, que escolhem ir por determinado caminho porque este proporciona sombra e/ou uma vista de maior qualidade. Quando num espaço se observa uma ocupação de permanência e de transitoriedade simultaneamente, surge o que o autor refere como «viscosidade» (CULLEN 2006).

Os «novos lugares» que referia Cacciari, têm que ser lugares que permitam a «viscosidade», que permitam ser apropriados por estas duas formas, têm que ser lugares fluidos e dinâmicos, que acolham a transitoriedade (da vida pós-metropolitana), mas ao mesmo tempo, estáticos e equipados, que alberguem a permanência. “Nem se trata de confundir <anarquicamente> as relações entre os diferentes tempos dos diferentes lugares. Trata-se, sobretudo, de as concertar sem confundir, fazendo viver a totalidade, a forma do inteiro, na qualidade de cada parte.” (CACCIARI 2009). Estas características duais podem ser potenciadas com, por exemplo, desenhos no pavimento, mobiliário urbano, vegetação, pontos focais e recintos.

2 ESTADO DA ARTE

2.1 ANÁLISE DE CASOS RELEVANTES

Pretendeu-se com a análise dos seguintes casos de estudo, dar a conhecer, nos equipamentos, as várias opções a nível programático e a sua relação com os contextos socioculturais em que se inserem e, nos espaços públicos, a forma como estes se relacionam com a cidade e os diferentes usos e funções que o espaço público da cidade pode ou deve conter.

Através desta análise espera-se chegar ao programa para um novo equipamento inserido num parque público na cidade de Odivelas, tendo em conta as necessidades específicas para este tipo de projecto.

2.1.1 EQUIPAMENTOS

A. BIBLIOTECA PÚBLICA Y PARQUE DE LECTURA

Torre-Pacheco – Espanha – 2007

Projecto: Martín Lejárraga

Tipologia: Biblioteca

Implantação: 18.500 m²

Construção: 2.204 m²

Contexto Urbano e Social:

Área de Influência: Torre-Pacheco

População: 29.244 habitantes

Densidade: 154 hab/km²

Financiamento: Público

Custo: 2.400.000 €



Conjunto de Figuras 1: Biblioteca Publica Y Parque de Lectura – Localização e Imagem de Conjunto

A Cidade de Torre-Pacheco é um claro exemplo do crescimento rápido que muitas cidades espanholas viveram nos últimos anos, a par de um planeamento urbano quase inexistente. Para servir este aumento populacional, o município planeou a construção de vários equipamentos, entre os quais, uma nova biblioteca, localizada numa zona de expansão próxima do centro histórico. O programa proposto para a biblioteca em conjunto com os centros escolares envolventes, permitem então uma relação mais continua entre as zonas habitacionais e estes novos equipamentos, oferecendo à cidade um espaço público único e continuo.

Programa: Parque, Pátio de Leitura, Biblioteca, Salas de Aula, Sala de Exposições, Sala de Estudo Nocturna

O edifício assenta num piso semienterrado, disposto em diferentes níveis de acordo com os diferentes usos, conectados por rampas e espaços de relação/transição. Compreende, para além da biblioteca, uma sala de estudo nocturna, salas de aula e conferencias, áreas de estudo e leitura e uma zona de exposições. O parque exterior possui um pátio de leitura, campos de jogos, uma zona de concertos, zonas lúdicas e vários espaços ajardinados.

Componente Utilitária:

Tendo apenas um piso, possibilita a acessibilidade directa e uma continuidade de espaços e usos que permite que haja menos pessoal e partilha de recursos. O edifício possui limites muito fluidos entre o interior e o parque, trazendo a biblioteca para fora do

edifício e permitindo a utilização da cobertura como um espaço de interacção pública. A grande variedade de usos e funções permite também o contacto entre gerações e extractos sociais, promovendo a coexistência entre estes.

Componente Arquitectónica:

Os amplos espaços do edifício são abertos ao parque através de uma fachada modulada ligeira, foram projectados com altura suficiente para contemplar futuras ampliações adicionando mais pisos. Devido aos múltiplos usos que o edifício permite, os pavimentos foram incorporados com materiais que atenuam o som, e o tecto com caixas absorventes. Os materiais utilizados foram escolhidos devido às suas diferentes cores e tonalidades, criando um espaço vivo, colorido e criativo.



Figura 1: BPPL



Figura 2: BPPL – Pátio Exterior



Figura 3: BPPL – Envidraçados



Figura 4: BPPL – Biblioteca

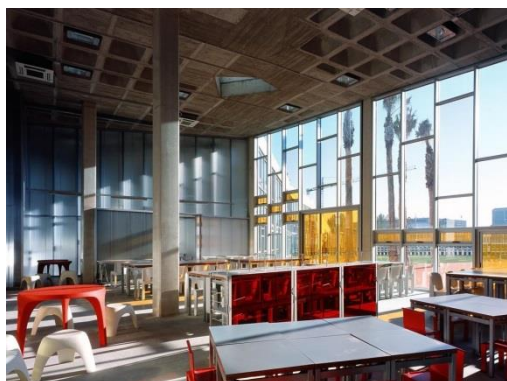


Figura 5: BPPL – Biblioteca



Figura 6: BPPL – Biblioteca



Figura 7: BPPL – Cobertura



Figura 8: BPPL – Cobertura e Clarabóias

B. COIN STREET NEIGHBOURHOOD CENTRE

Londres – Reino Unido – 2007

Projecto: Haworth Tompkins

Tipologia: Centro Comunitário

Implantação: 1.600 m²

Construção: 4.500 m²

Contexto Urbano e Social:

Área de Influência: Bairro de Lambeth

População: 268.500 habitantes

Densidade: 10.366 hab/km²

Financiamento: Privado

Custo: 7.100.000 £



Conjunto de Figuras 2: Coin Street Neighbourhood Centre – Localização e Imagem de Conjunto

O centro comunitário de Coin Street, tal como o Teatro Young Vic situa-se no bairro de Lambeth, um dos mais pobres de Londres, com uma população etnicamente muito diversa e com níveis de desemprego relativamente altos. Com uma malha urbana fragmentada, a zona localiza-se no limite da expansão comercial Sul do centro de Londres, com construções muito recentes. Os Arquitectos vêem no centro comunitário um ponto de resistência ao desenvolvimento descontextualizado e socialmente excludente e como uma fonte de continuidade à volta da qual a memória e a identidade cultural da comunidade local podem continuar a desenvolver-se.

Processo de Participação:

O Coin Street Neighbourhood Centre começou em 1984 como um movimento de residentes contra a expansão de torres de escritórios nesta zona de Londres, a associação foi crescendo e eventualmente surgiu a necessidade de construção de uma "sede". O Processo desenvolveu-se em estreita colaboração com o cliente e com a comunidade local. Um inquérito foi feito solicitando a opinião da comunidade sobre as preferências de equipamentos e necessidades. Grande parte do programa (distribuição das plantas, mobiliário, instalações e cores) foi testado pelos utilizadores finais como parte do processo de desenho. Os residentes dos edifícios adjacentes foram também consultados no que toca aos volumes, altura e materialidades.

Programa: Bar, Sala de Reuniões, Sala de Festas, Espaço Comercial, Creche, Escritórios

O centro comunitário é um edifício urbano de usos mistos que compõe uma creche de bairro com playground exterior, um espaço de formação para adultos e jovens (programas extracurriculares e apoio familiar), um café/bar comunitário, uma zona de reuniões e conferencias tanto para a comunidade como para empresas, um restaurante e uma loja de conveniência que dão directamente para o exterior e escritórios para a sede da associação. Um dos objectivos chave do projecto é a exploração de um objecto urbano capaz de se acomodar e adaptar a diferentes usos tanto no presente como no futuro.

Componente Utilitária:

O Centro dedica-se principalmente ao apoio à comunidade nomeadamente na construção de habitações familiares, sendo proprietário de cerca de 201 unidades de habitação para aluguer nas redondezas, de pequenos espaços comerciais e na prestação de diversos serviços. Possui um infantário, um centro para famílias, onde são prestadas aulas e workshops de Inglês, de comunicação e apoio à entrada no mundo de trabalho, aulas de culinária, de comunicação, de informática e de aconselhamento familiar, possui ainda diversas salas polivalentes, onde são prestadas algumas aulas de desporto, dança, reuniões de vizinhança, etc... mas que são usadas maioritariamente para aluguer a terceiros, quer seja para conferencias, reuniões, festas, advindo daí a principal fonte de financiamento do centro.

Componente Arquitectónica:

A fachada do edifício é formada por um jogo de painéis, entre os quais surgem maiores ou menores vãos, dependendo das diferentes necessidades de iluminação natural interior. Os acabamentos interiores são madeira, e em betão à vista nos locais de passagem, corredores e caixa de escadas. O principal acesso vertical é uma ampla caixa de escadas que permite a iluminação natural dos corredores de acesso, ao longo deste eixo vertical que termina no terraço onde existe uma esplanada, desenvolvem-se todas as funções do edifício.



Figura 9: CSNC



Figura 10: CSNC – Habitações Cooperativas



Figura 11: CSNC – Recepção

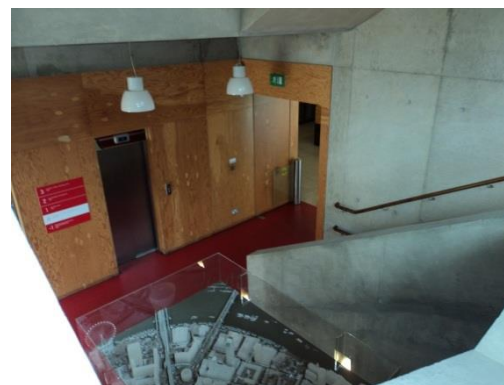


Figura 12: CSNC – Acessos Verticais

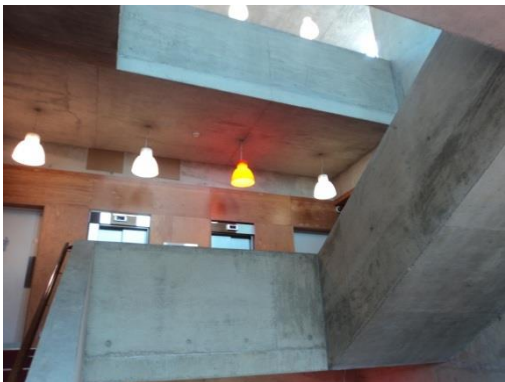


Figura 13: CSNC – Acessos Verticais

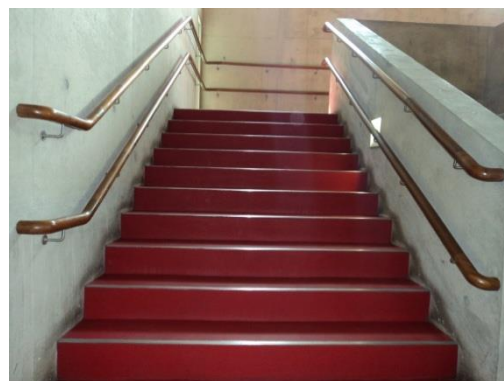


Figura 14: CSNC – Pormenor de Corrimão para Crianças



Figura 15: CSNC – Sala Multiusos



Figura 16: CSNC – Terraço

C. DE KAMERS HOUSE OF CULTURE

Amersfoort – Holanda – 2007

Projecto: Korteknie Stuhlmacher Arch.

Tipologia: Centro Cultural

Implantação: 1.200 m²

Construção: 1.000 m²

Contexto Urbano e Social:

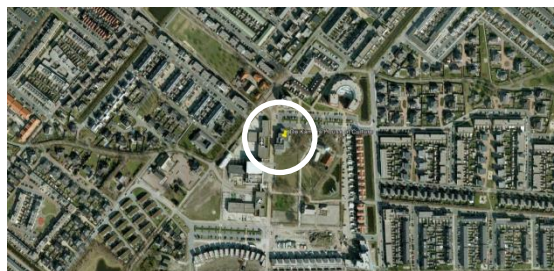
Área de Influência: Bairro de Vathorst

População: 24.511 habitantes

Densidade: 3.340 hab/Km²

Financiamento: Público e Privado

Custo: *n.d.*



Conjunto de Figuras 3: De Kamers House of Culture – Localização e Imagem de conjunto

O bairro de Vathorst é uma área residencial suburbana recente e relativamente densa. Sem diversidade de funções urbanas e carente de infra-estruturas sociais e culturais.

Processo de Participação:

O Projecto começou com a iniciativa privada de duas pessoas, um artista e um sacerdote, e foi crescendo até se tornar num agrupamento participativo, envolvendo muitos voluntários de ocupações e origens diferentes. Os promotores da iniciativa receberam apoio municipal e de outros sectores. O programa foi desenvolvido á medida que se projectava e que os fundos foram chegando, começando o projecto pela "transformação" de um contentor *standard* de aluguer, crescendo para dar lugar a um edifício flexível, sustentável e multifuncional.

Programa: Teatro, Bar/Refeitório, Sala Multiusos, Sala de Leitura

O edifício consiste em várias salas: a sala de estar, um espaço confortável com assentos e lareira para um uso flexível, um bar, um pequeno auditório, uma sala de reuniões; uma sala de jantar, que inclui um café, um restaurante, cozinha e sala de reuniões; a sala superior que oferece espaço para reuniões, ensaios, workshops ou exposições; a sala de leitura, uma extensão da biblioteca municipal; e a sala do teatro, para apresentações musicais, teatrais e cinematográficas.

Componente Utilitária:

O edifício oferece um programa muito variado, para todo o tipo de pessoas, incluindo banquetes, conferencias, actuações musicais e teatrais, exposições, workshops, café gratuito pelas manhãs, reuniões, cursos, biblioteca, missa aos domingos, actividades e actuações infantis, eventos especiais para idosos e crianças, para profissionais e amadores, etc...

Componente Arquitectónica:

Devido ao apertado orçamento, foi dado mais ênfase ao interior do projecto que ao exterior. Construído com volumes cúbicos de madeira, agregados como que de improviso, permitindo usos múltiplos e que seja facilmente expandido se necessário, o edifício possui amplos espaços interiores, muito iluminados, contrastando com a imagem "bruta" do exterior do edifício. No piso 0, no exterior foram pintados murais por jovens da comunidade, integrando o edifício na identidade do local, prevenindo-se ao mesmo tempo que as paredes exteriores fossem vandalizadas.



Figura 17: De Kamers House of Culture



Figura 18: De Kamers House of Culture



Figura 19: De Kamers House of Culture – Sala de Leitura



Figura 20: De Kamers House of Culture – Sala de Leitura



Figura 21: De Kamers House of Culture – Auditório



Figura 22: De Kamers House of Culture – Auditório



Figura 23: De Kamers House of Culture – Sala Multiusos



Figura 24: De Kamers House of Culture – Bar/Refeitório

D. IDEA STORE WHITECHAPEL

Londres – Reino Unido – 2005

Projecto: Adjaye/Associates

Tipologia: Biblioteca

Implantação: 1.057 m²

Construção: 3.440 m²

Contexto Urbano e Social:

Área de Influência: Bairro de Tower Hamlets

População: 196.106 habitantes

Densidade: 9.800 hab/Km²

Financiamento: Público

Custo: *n.d.*



Conjunto de Figuras 4: Idea Store Whitechapel – Localização e Imagem de Conjunto

A Tower Hamlets é composta por dois bairros, duas realidades muito distintas. Por um lado um bairro renovado que concentra serviços financeiros, medias e as sedes de numerosas multinacionais na Canary Wharf, Por outro, alguns núcleos extremamente pobres, com altos níveis de desemprego, baixos níveis de educação e escassos níveis de formação, Nos censos de 2001, 58% da população residente nas Tower Hamlets não era de origem britânica. Nos mesmos censos ficou também patente um crescimento de 22% de residentes em relação aos censos de 1991, fazendo o bairro um dos mais densamente povoados de Londres.

Processo de Participação:

Numa das maiores consultas à população levadas a cabo pelas autoridades das Tower Hamlets sobressaiu a necessidade de maior investimento em bibliotecas e serviços de educação e formação para adultos. Os cidadãos exigiram bibliotecas de qualidade capazes de proporcionar outras funções e serviços à população que não os de uma biblioteca tradicional. Construiu-se então um edifício de raiz, marcante na paisagem, mas ao mesmo tempo "integrado" na identidade do local, para que a população entendesse o edifício como parte do seu bairro e da sua comunidade e o estimasse e utilizasse.

Programa: Exposições, Biblioteca Infantil, Sala de Terapia, Sala de Dança, Creche, Cibersala, Salas de Aula, Biblioteca, Mediateca, Café/Refeitório

A Idea Store pode ser entendida como um objecto único, ou como um conjunto de funções agregadas que partilham recursos. O primeiro piso, acessível pela rua por uma

escada-rolante, constitui o *piano nobile* com a entrada localizada no eixo central. Conecta a biblioteca com os espaços comunitários e estes a um terraço sobre o Mercado vizinho. Nos restantes pisos, os diferentes usos e espaços vão-se desenvolvendo em redor do núcleo de acessos e serviços permitindo amplas vistas sobre o interior e o exterior.

Componente Utilitária:

O edifício é uma resposta às necessidades da população, é "auto-regulado" não existindo no seu interior qualquer sinal ou proibição, as pessoas usam o local como bem entenderem, desde que não perturbem outros utilizadores, o edifício é utilizado como local de estudo, refeitório, local de encontro e de estar, havendo inclusive pessoas que com problemas familiares ou no emprego, o primeiro sítio a que se deslocam é à Idea Store. Nas salas de aula são administrados cursos de línguas, informática, economia, comunicação, etc... Não existe um funcionário responsável por cada piso ou função, pelo contrário, os funcionários "vagueiam" pelo edifício, utilizando "escritórios flexíveis" localizados em locais-chave de cada piso, sendo os funcionários que vêm até ao utilizador e não o utilizador que vai até à recepção ou à procura de um funcionário.

Componente Arquitectónica:

O edifício é facilmente identificável funcionando como um marco na Whitechapel Road. Situado em frente a um mercado de rua que funciona aos dias de semana de manhã, a Idea Store tem o piso zero recuado para dar mais espaço às tendas, vendedores e transeuntes. As fachadas são em vidro colorido organizadas como livros dispostos numa prateleira, indo buscar as cores às tendas do mercado de rua. Os espaços interiores são muito luminosos e extremamente flexíveis potenciando o carácter informal do edifício. As salas de aula estão em relação directa com a biblioteca, cujas estantes estão integradas na estrutura das fachadas, libertando o espaço interior para as zonas de estar, de leitura, e de trabalho.



Figura 25: Idea Store – Mercado de Rua



Figura 26: Idea Store – Entrada



Figura 27: Idea Store – Biblioteca Infantil



Figura 28: Idea Store – Cibersala

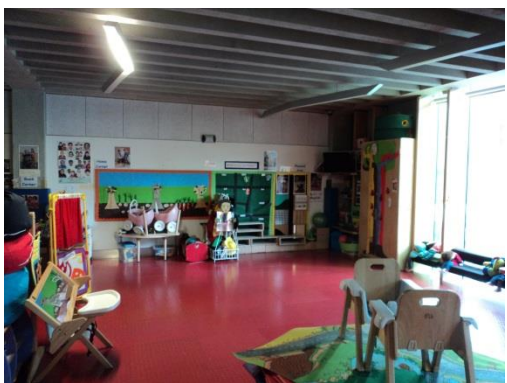


Figura 29: Idea Store – Creche

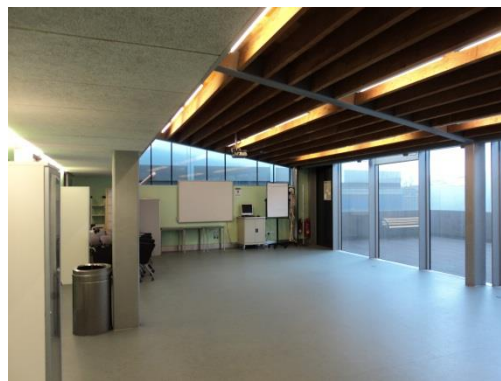


Figura 30: Idea Store – Sala de Terapia

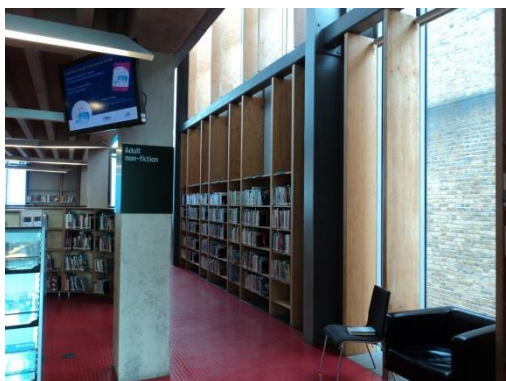


Figura 31: Idea Store – Integração das estantes na estrutura do edifício



Figura 32: Idea Store – Integração das secretárias na estrutura do edifício

E. SESC POMPÉIA

São Paulo – Brasil – 1982

Projecto: Lina Bo Bardi

Tipologia: Centro Cultural e Desportivo

Implantação: 16.573 m²

Construção: 23.571 m²

Contexto Urbano e Social:

Área de Influência: Pompéia

População: *n.d.*

Densidade: *n.d.*

Financiamento: Público e Privado

Custo: *n.d.*



Conjunto de Figuras 5: SESC Pompéia – Localização e Imagem de Conjunto

Pompéia é um bairro da cidade de São Paulo, muito ligado ao início da industrialização da cidade, mais tarde começando a ser abandonado pela população, principalmente pela inexistência de qualquer elemento aglutinador no bairro. Esta falha veio ser colmatada com a construção do novo centro, que vem proporcionar e potenciar espaços de convívio e de cultura.

Processo de Participação:

A Arquitecta, reabilitando e reconvertendo este antigo edifício industrial, deixou aos usuários a tarefa de conferir unidade ao centro através da sua identificação com o local e dos diferentes métodos de utilização e apropriação do espaço.

Programa: Teatro, Restaurante, Biblioteca, Mediateca, Oficinas, Laboratórios, Piscina, Ginásio, Consultórios, Bar/Café

O centro é composto por um conjunto polidesportivo, que compreende um ginásio, piscinas e campos de jogos; uma torre de serviços, com vestiários, salas de ginástica, dança e musculação e consultórios; e pelos antigos armazéns reconvertidos, onde se encontram oficinas e ateliers, um laboratório fotográfico, um teatro, um restaurante e bar, um pavilhão multiuso de lazer e convívio, uma zona de exposições e uma biblioteca/mediateca.

Componente Utilitária:

O SESC Pompéia foi projectado como uma obra inacabada, ficando a finalização deixada a cabo dos seus usuários. Os espaços inacabados incentivam a reinvenção,

reaproveitação e reconstrução, ao mesmo tempo que preservam a memória da fábrica. É um lugar para a comunidade, intergeracional que promove a convivência entre os habitantes do bairro.

Componente Arquitectónica:

A reconversão dos antigos armazéns fabris permitiu a criação de grandes espaços abertos, onde as únicas intervenções mais visíveis são o mezanino em betão aparente e o galpão do teatro. As torres de serviços funcionam como um marco na paisagem, identificando o Centro na heterogeneidade do bairro.



Figura 33: SESC Pompéia



Figura 34: SESC Pompéia



Figura 35: SESC Pompéia



Figura 36: SESC Pompéia – Zona de estar



Figura 37: SESC Pompéia – Zona de estar



Figura 38: SESC Pompéia – Zona de estar



Figura 39: SESC Pompéia – Biblioteca



Figura 40: SESC Pompéia – Auditório

F. WESTMINSTER ACADEMY

Londres – Reino Unido – 2007

Projecto: Allford Hall Monaghan Morris

Tipologia: Escola

Implantação: 23.073 m²

Construção: 11.100 m² + 2.000 m²

Contexto Urbano e Social:

Área de Influência: Bairro de Westbourne

População: 10.075 habitantes

Densidade: 14.941 hab/km²

Financiamento: Público e Privado

Custo: 30.000.000 £



Conjunto de Figuras 6: Westminster Academy – Localização e Imagem de Conjunto

A academia de Westminster localiza-se num contexto urbano muito complexo, dominado pelo viaduto de Westway e delimitado por torres de habitação dos anos 60 e pela Harrow Road. No local existe também um passadiço pedonal sobre a linha ferroviária e diversos campos de desporto públicos. Às condicionantes físicas do lugar junta-se o facto de este ser um dos bairros mais pobres de Londres, habitado principalmente por imigrantes e descendentes de imigrantes.

Processo de Participação:

O cliente, a Fundação Exilarch e a directora da instituição tinham uma ideia muito clara do sistema educativo que queriam implantar, um que desse aos alunos responsabilidade individual pela sua educação e que encorajasse trabalho de equipa tanto entre alunos como entre professores. Em resposta o desenho centrou-se na criação de um espaço que inspirasse a criatividade e permitisse conectividade e flexibilidade.

Programa: Pistas Desportivas, Playground, Biblioteca, Café, Auditório, Sala de Teatro, Sala Multiusos, Vestiários, Salas de Aula, Estúdios, Laboratórios, Refeitório

A escola encontra-se alinhada com a Harrow Road, ocupando um volume de 5 pisos que compreende todo o programa excepto o equipamento desportivo, que se aloja num edifício independente permitindo o seu uso independente pela comunidade. Um novo passadiço permite o acesso do local ao existente sobre a linha ferroviária. No edifício principal, uma grande "ágora" no primeiro piso conecta física e visualmente todos os espaços do edifício através de um átrio que atravessa os 5 pisos. Este espaço central

funciona como o coração da escola, permitindo aos alunos moverem-se livremente entre o café e espaços informais de trabalho, entre as salas polivalentes, a biblioteca e o auditório com capacidade para todos os alunos de um curso.

Componente Utilitária:

A Westminster Academy é uma escola privada cujos estudantes não pagam qualquer inscrição ou propina que oferece serviços à comunidade. Os alunos e a população em geral podem utilizar as instalações fora das horas de aulas e aos fins-de-semana para aulas de línguas (Inglês, árabe, somali ou chinês), para *workshops* de educação familiar, ou utilizar os campos de desporto, para futebol, basquete, voleibol, dança, *parkour*, ténis, etc... a comunidade pode também alugar certos espaços da academia para eventos como festas, bodas e clubes de leitura. O principal objectivo da academia é o ingresso dos seus alunos na universidade, mas presta também aconselhamento aos alunos que não o conseguem, em áreas como a comunicação e a elaboração de CV's.

Componente Arquitectónica:

Todas as funções da academia, excepto a parte desportiva, desenvolvem-se em torno do átrio interior muito iluminado ao qual se acede pela rua por uma ampla antecâmara. As salas de aulas são todas abertas para o exterior com amplos vãos, e os acabamentos interiores são de grande qualidade e da mesma cor que as fachadas interiores, dando a ideia de continuidade interior-exterior, escola-comunidade.



Figura 41: Westminster Academy – Fachada Exterior



Figura 42: Westminster Academy – Campos de Jogos

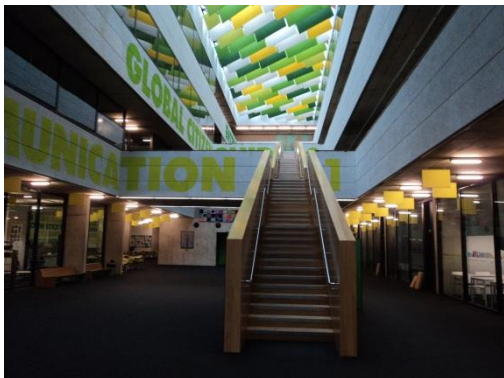


Figura 43: Westminster Academy – Átrio Interior

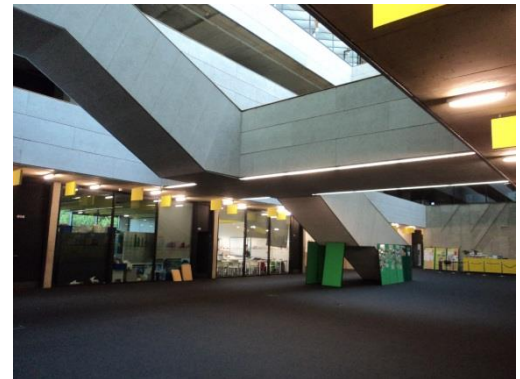


Figura 44: Westminster Academy – Átrio Interior

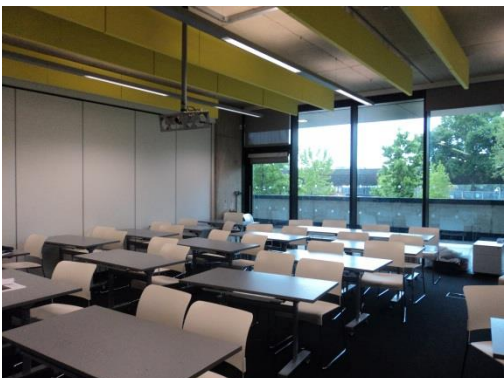


Figura 45: Westminster Academy – Sala de Aulas



Figura 46: Westminster Academy – Salas de Aula

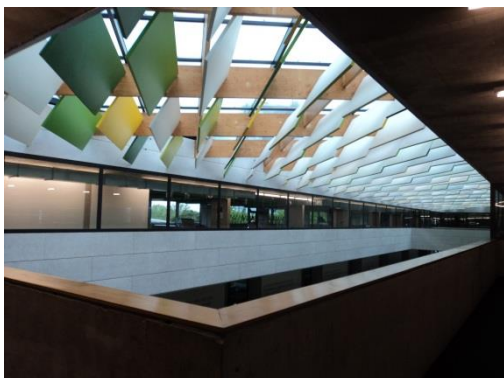


Figura 47: Westminster Academy – Pormenor do Tecto

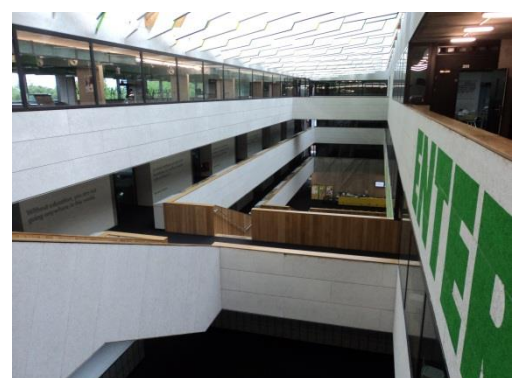


Figura 48: Westminster Academy – Plano Geral do Interior

G. YOUNG VIC THEATRE

Londres – Reino Unido – 2006

Projecto: Haworth Tompkins

Tipologia: Teatro

Implantação: 1.720 m²

Construção: 3.155 m²

Contexto Urbano e Social:

Área de Influência: Londres

População: 8.278.251 habitantes

Densidade: 5.099 hab/km²

Financiamento: Público e Privado

Custo: 6.900.000 £



Conjunto de Figuras 7: Young Vic Theatre – Localização e Imagem de Conjunto

O Teatro Young Vic situa-se no bairro de Lambeth, um dos mais pobres de Londres, com uma população etnicamente muito diversa e com níveis de desemprego relativamente altos. Com uma malha urbana fragmentada, a zona localiza-se no limite da expansão comercial Sul do centro de Londres, com construções muito recentes. Os Arquitectos vêm no teatro um ponto de resistência ao desenvolvimento descontextualizado e socialmente excludente e como uma fonte de continuidade à volta da qual a memória e a identidade cultural da comunidade local podem continuar a desenvolver-se.

Processo de Participação:

O Processo desenvolveu-se em conversação com o pessoal do teatro, actores, directores e habitantes locais. A cada fase de desenho o projecto foi apresentado e discutido com a comunidade local. O contracto de construção terminou a 95% de conclusão, o trabalho restante foi realizado pelo pessoal do teatro como se o edifício fosse uma grande produção teatral, permitindo um grande nível de improvisação e experimentação impossível com um contracto convencional.

Programa: Auditórios, Café-Restaurante, Bar

O Teatro compreende três auditórios flexíveis, um bar/café públicos que serve também de foyer, uma sala de *workshops*, cargas e descargas, armazém, guarda-roupa, camarins e escritórios.

Componente Utilitária:

O edifício está aberto todos os dias das 8h às 23h e serve uma ampla gama de usuários - habitantes locais, actores, estudantes, trabalhadores e operários nas zonas envolventes e a ampla comunidade artística de Londres. De manhã o edifício é uma sala de encontros, um escritório e um café, usado por muitas pessoas locais para a sua vida social ou profissional. Ao meio-dia o foyer converte-se num agitado café, à tarde num ponto de encontro de jovens e à noite num bar/restaurante e espaço artístico com capacidade para até 800 pessoas.

Componente Arquitectónica:

O projecto do Teatro passou pela reabilitação do edifício temporário, construído nos anos 70, onde se encontra agora a recepção e a administração, O auditório principal é muito flexível, podendo-se adaptar a diferentes tipos de espectáculos, com mais ou menos lugares, ou até mesmo um palco maior ou menor, mais ou menos elevado, central ou lateral. O café/restaurante ocupa um grande espaço com pé direito duplo, em frente à recepção, com uma mezanino por cima do balcão. A estrutura está à vista e os acabamentos, quando existentes, são muito austeros, criando uma atmosfera em linha com o edifício pré existente, baixando também o custo do edifício.



Figura 49: Young Vic



Figura 50: Young Vic – Entrada/ Bilheteira



Figura 51: Young Vic – Foyer/ Restaurante



Figura 52: Young Vic – Foyer/ Restaurante



Figura 53: Young Vic – Bar

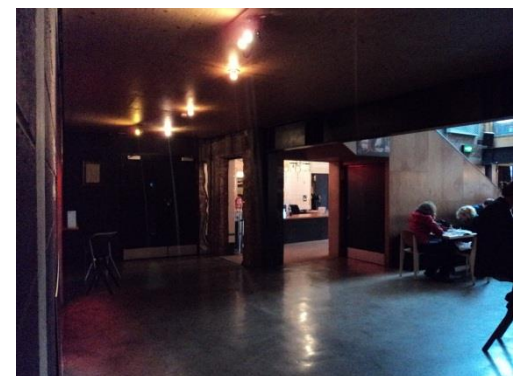


Figura 54: Young Vic – Vestíbulo do Auditório



Figura 55: Young Vic – Esplanada



Figura 56: Young Vic – Esplanada

2.1.2 ESPAÇO PÚBLICO

A. PARC DEL FÓRUM

Barcelona – Espanha – 2004

Projecto: Alejandro Zaera-Polo +

Farshid Moussavi, Architect

Implantação: 230.000 m²

Construção: *n.d.*

Contexto Urbano e Social:

Área de Influência: Barcelona

População: 1.595.110 habitantes

Densidade: 17.451 hab/Km²

Financiamento: Público

Custo: *n.d.*



Conjunto de Figuras 8: Parc del Fòrum –
Localização e Imagem de Conjunto

O Parc del Fòrum é um parque público situado na ponta Norte da Avenida Diagonal junto ao mar, no distrito de Sant Martí. O parque foi construído para o Fórum Universal das Culturas de 2004.

Processo de Participação:

O recinto do parque albergou o Fórum Universal das Culturas de 2004 que deixou como legado, para além do parque, inúmeros edifícios singulares, infra-estruturas e uma rede de eléctrico.

Programa: Auditórios, Centro de Convenções, Museu, Zona Balnear

O Parque possui dois grandes auditórios, uma zona balnear, o Centro de Convenções Internacional de Barcelona, o Edifício Fórum e o Museu Blau.

Componente Utilitária:

Devido aos amplos espaços existentes no parque, a maior parte dos grandes eventos multiusos da cidade acontecem aí. Eventos como as Festas da "Merced", a maior festa da Catalunha, ou o festival universitário de Barcelona. É hoje um dos principais espaços de lazer e ócio da cidade.

Componente Arquitectónica:

A frente marítima, projectada pelos Foreign Office Architects (FOA), eleva-se do solo criando umas plataformas onde se encontra a grande esplanada. A esplanada do Fórum é coberta por uma grande estrutura de painéis fotovoltaicos sobre um anfiteatro exterior.



Figura 57: Parc del Fòrum



Figura 58: Parc del Fòrum – Museu Blau



Figura 59: Parc del Fòrum – Grande Esplanada



Figura 60: Parc del Fòrum – Zona Balnear



Figura 61: Parc del Fòrum - Anfiteatro



Figura 62: Parc del Fòrum – Bosque das Colunas



Figura 63: Parc del Fòrum – Bosque das Colunas

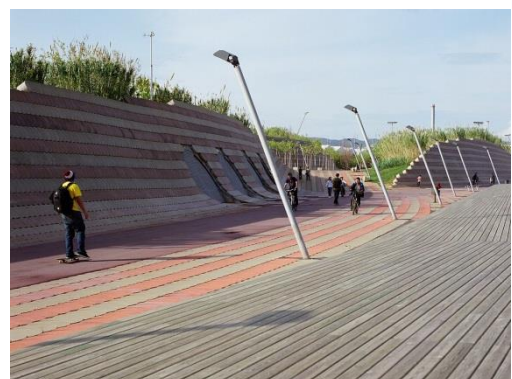


Figura 64: Parc del Fòrum – Percursos

B. PARQUE DAS NAÇÕES

Lisboa – Portugal – 1998

Projecto: PROAP

Implantação: 3.420.000 m²

Construção: *n.d.*

Contexto Urbano e Social:

Área de Influência: Lisboa

População: 547.631 habitantes

Densidade: 6.532 hab/Km²

Financiamento: Público

Custo: *n.d.*



Conjunto de Figuras 9: Parque das Nações – Localização e Imagem de Conjunto

O Parque das Nações é uma área comercial, residencial e de lazer de Lisboa. Compreende uma faixa ribeirinha da cidade com 5Km de extensão, anteriormente uma zona industrial.

Processo de Participação:

Esta área sofreu uma grande transformação aquando da exposição internacional de 1998, transformações que continuaram após a exposição com o Centro Comercial Vasco da Gama, com a FIL e vários edifícios residenciais e comerciais.

Programa: Skatepark, Marina, Pavilhão Multiusos, Passeio Ribeirinho, Teatro, Oceanário, Estação de Interface, Teleférico, Parque

O Conceito Urbano do Parque das Nações passou por duas fases de urbanização, uma primeira correspondente ao planeamento e realização da Expo 98, abrangendo a concepção do espaço público e dos grandes equipamentos existentes (o Pavilhão Atlântico, o Oceanário, o Pavilhão de Portugal, o Teatro Camões, a Torre Vasco da Gama e a Gare do Oriente). A segunda fase de urbanização correspondeu à criação de uma "nova cidade" com grandes empreendimentos residências, comerciais e hoteleiros. Um terço do Parque das Nações corresponde a espaços verdes tais como jardins, alamedas e parques onde se encontram também os Parques Infantis, o Passeio Ribeirinho e o *Skatepark*.

Componente Utilitária:

O Parque é uma das zonas de lazer mais frequentadas pelos Lisboaetas, deslocando-se aí para actividades de lazer, desporto e cultura, bem como para usufruto do shopping. Pode-se também utilizar o teleférico e a marina onde existe um núcleo de desporto para canoagem, vela e remo.

Componente Arquitectónica:

O plano Urbanístico do Parque foi dividido em 6 planos de pormenor desenvolvidos por diferentes arquitectos (Arq. Tomás Taveira, Arq. Manuel Salgado, Arq. Troufa Real, Arq. Cabral de Mello, Arq. Teotónio Pereira e PROAP), obedecendo e aplicando os princípios do Plano de Urbanização da zona de intervenção da Expo 98.



Figura 65: Parque das Nações



Figura 66: Parque das Nações – Pavilhão de Portugal



Figura 67: Parque das Nações - Vulcão



Figura 68: Parque das Nações - Percursos



Figura 70: Parque das Nações – Pavilhão Atlântico



Figura 69: Parque das Nações – Zonas Verdes



Figura 71: Parque das Nações - Percursos



Figura 72: Parque das Nações - Percursos

C. PARQUE DOS POETAS

Oeiras – Portugal – 1993

Projecto: Francisco Cabral e Elsa Severino

Implantação: 100.000 m²

Construção: 3.440 m²

Contexto Urbano e Social:

Área de Influência: Oeiras

População: 172.120 habitantes

Densidade: 3.755 hab/Km²

Financiamento: Público

Custo: 10.000.000 €



Conjunto de Figuras 10: Parque dos Poetas – Localização e Imagem de Conjunto

O Parque dos Poetas é o principal parque da cidade de Oeiras, localizado na zona alta de Oeiras, próximo do centro comercial Oeiras Shopping.

Processo de Participação:

É um projecto da câmara municipal de Oeiras construído em duas fases. Para seleccionar os poetas representados, foram consultadas diversas instituições, chegando-se ao número final de 60 autores.

Programa: Anfiteatro, Campos de Jogos, Pavilhão Polidesportivo, Parque Infantil

Na primeira fase, o parque tem 10 hectares de praças, alamedas, um anfiteatro, uma fonte cibernética, o bosque da poesia, um parque polidesportivo e o estádio municipal de Oeiras. O Parque é atravessado pela Alameda dos Poetas, percurso principal a partir do qual se desenvolve o resto do parque. Na segunda fase (ainda a concluir) a área do parque será acrescida de 15 hectares, continuando a temática empregue. Será criada uma zona de homenagem a Luís de Camões, um *Garden Center*, o templo da poesia, um anfiteatro e um parque de estacionamento subterrâneo.

Componente Utilitária:

O parque é frequentado por habitantes de todo o concelho de Oeiras, para a prática de desporto e lazer, no estádio municipal, praticam-se várias actividades desportivas, como o futebol, hóquei, patinagem, etc... existe ainda uma escolinha de futebol. Ocasionalmente, o estádio e o anfiteatro albergam concertos e espectáculos.

Componente Arquitectónica:

O parque desenvolve-se em torno de uma alameda a partir da qual os restantes percursos se estruturam. Diferentes percursos com diferentes hierarquias têm diferentes materialidades e mobiliários urbanos. A entrada principal, a partir do centro comercial Oeiras shopping, é assinalada por um elemento escultórico que serve de portão. Nos limites do parque, perto de urbanizações, o coberto vegetal é mais cerrado, criando uma barreira natural. Nos percursos e mobiliário, são utilizados materiais como a pedra e o metal.



Figura 73: Parque dos Poetas – Entrada Principal



Figura 74: Parque dos Poetas – Entrada principal - Rotunda



Figura 75: Parque dos Poetas – Anfiteatro e Percursos



Figura 76: Parque dos Poetas – Mobiliário Urbano



Figura 77: Parque dos Poetas – Pormenor das traseiras de Edifício



Figura 78: Parque dos Poetas – Percursos – Materialidades



Figura 79: Parque dos Poetas – Percursos e Sinalética – Materialidades



Figura 80: Parque dos Poetas – Percursos

D. PARQUE URBANO DO CACÉM

Cacém – Portugal – 2007

Projecto: S.A. Arq. Manuel Salgado

Implantação: 40.000 m²

Construção: *n.d.*

Contexto Urbano e Social:

Área de Influência: Cacém

População: 21.289 habitantes

Densidade: 2.661 hab/Km²

Financiamento: Público

Custo: *n.d.*



Conjunto de Figuras 11: Parque Urbano do Cacém – Localização e Imagem de Conjunto

O parque urbano do Cacém desempenha o papel de espaço público central das cidades de Aqualva e Cacém, servindo ao mesmo tempo como bacia de retenção da ribeira das Jardas.

Processo de Participação:

O parque foi construído ao abrigo do programa Pólis Cacém.

Programa: Zonas Lúdicas, Circuitos de Condição Física

O parque, espaço público central da cidade do Cacém, põe à disposição dos habitantes extensas áreas de lazer e ócio, assim como circuitos de manutenção/condição física.

Componente Utilitária:

O parque é frequentado por habitantes de todo o concelho de Oeiras, para a prática de desporto, lazer e ócio.

Componente Arquitectónica:

O parque urbano do Cacém, uma vez que serve como bacia de retenção, tem um perfil de vale, o qual é organizado em plataformas com diferentes áreas de lazer. Os principais materiais utilizados são a pedra, o metal e a madeira.



Figura 81: Parque do Cacém – Ribeira



Figura 82: Parque do Cacém - Percursos

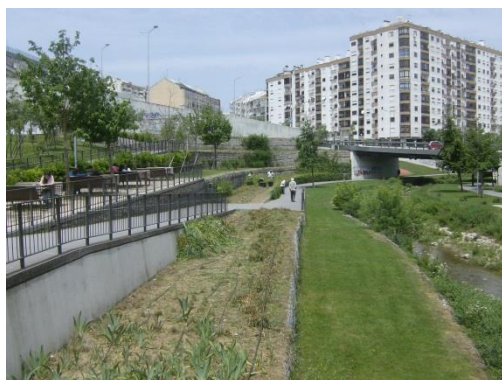


Figura 83: Parque do Cacém – Percursos e Materialidades



Figura 84: Parque do Cacém – Percursos e Mobiliário Urbano



Figura 85: Parque do Cacém – Percursos e zona Lúdica



Figura 86: Parque do Cacém – Mobiliário Urbano e Materialidades

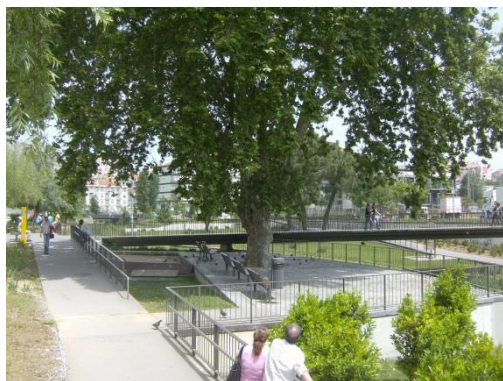


Figura 87: Parque do Cacém – Zona Lúdica



Figura 88: Parque do Cacém – Percursos

2.1.3 SÍNTESE DE EQUIPAMENTOS VISITADOS

No âmbito da tese final de mestrado empreendi uma viagem a Londres para conhecer alguns dos meus casos de estudo, sendo estes a Idea Store Whitechapel, o Young Vic Theatre, o Coin Street Neighbourhood Centre e a Westminster Academy. Estes edifícios foram seleccionados como casos de estudo pelos seus conteúdos programáticos e pelas características socioculturais dos bairros onde estão inseridos

A. IDEA STORE WHITECHAPEL



Figura 89: Idea Store Whitechapel

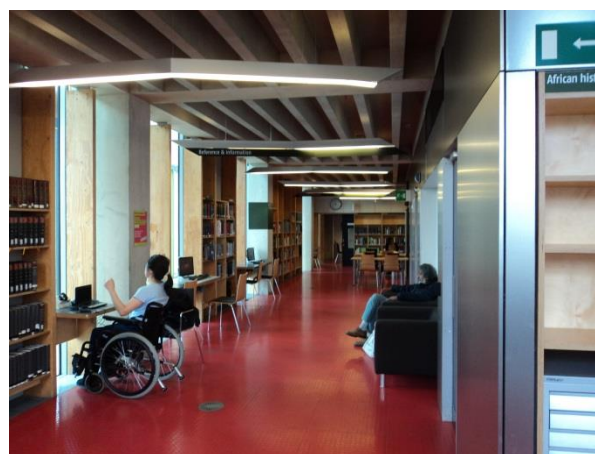


Figura 90: Idea Store Whitechapel – Interior do edifício

Em todos os casos, esperavam-se encontrar equipamentos diversos com valências de apoio à comunidade. Na Idea Store, espectava-se uma biblioteca inserida num bairro constituído maioritariamente por imigrantes que oferecesse à comunidade serviços tais como formações, aulas de inglês, etc... Encontrou-se mais que um edifício, um projecto perfeitamente integrado na comunidade, uma resposta às necessidades da população. O edifício é utilizado transversalmente pela comunidade para estudar, trabalhar, ou até para estar a conversar com os amigos. Extremamente flexível, a Idea Store ministra aulas de línguas, informática, economia, comunicação, etc... num ambiente muito descontraído e não académico. Sobressaiu a necessidade de integração do edifício na identidade e na comunidade local para que as pessoas o utilizem e o estimem, que sintam que este edifício

também é seu. Outro aspecto a retirar é o “*momentum*”⁴, a possibilidade de usos transversal a todas as idades que este edifício proporciona, permitindo que as crianças da comunidade cresçam com o edifício e o utilizem de maneiras diferentes à medida que crescem.

B. YOUNG VIC THEATRE



Figura 91: Young Vic Theatre



Figura 92: Young Vic Theatre – Auditório

No Young Vic Theatre esperava-se encontrar um pequeno teatro de bairro cujo bar/foyer fosse aberto à comunidade e fosse utilizado pela mesma como local de estar ou de estudo/trabalho informal. Na realidade o Young Vic é um teatro muito reputado no seio artístico de Londres e o seu bar/café, um dos mais populares do género. Aberto todos os dias este espaço é realmente utilizado pela comunidade como local de estudo e trabalho informal, mas durante os espectáculos enche rapidamente, sendo necessária marcação para o frequentar. Sobressaiu a intimidade e flexibilidade do auditório principal, de planta quadrada e palco central, muito próximo da plateia e o aproveitamento do foyer como bar/café trazendo mais vida ao teatro e permitindo o uso do edifício não apenas durante os espectáculos.

*“Its intimate auditorium, built cheaply with a rough, light-industrial feel, reinforced by low prices, created in concrete a dream of the inclusive, class-free society to which its originators aspired.”*⁵

⁴ Capacidade do edifício evoluir ou acompanhar determinado grupo social ou etário, de acordo com as diferentes necessidades que este irá necessitar ao longo do tempo.

⁵ In Young Vic, <http://www.youngvic.org/about-us> [consultado em 2013-03-17].

C. COIN STREET NEIGHBOURHOOD CENTRE



Figura 93: Coin Street Neighbourhood Centre

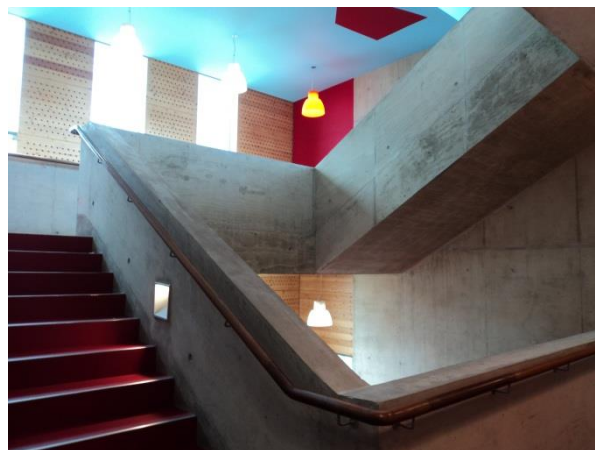


Figura 94: Coin Street Neighbourhood Centre – Acessos verticais

Em relação ao Coin Street Neighbourhood Centre esperava-se um edifício com um uso similar à Idea Store, um espaço virado para a comunidade e para usufruto da mesma. Constatou-se no entanto que o edifício funciona mais como sede de uma “associação de moradores” que começou como uma campanha contra a expansão de torres de escritórios no bairro. Essa associação evoluiu e possui hoje 201 fogos de habitação para aluguer a baixo custo e alguns espaços comerciais. O edifício alberga um jardim-de-infância para os moradores do bairro, um centro familiar onde são ministradas aulas de educação e apoio familiar e outras de formação e apoio à entrada no mundo de trabalho, consultórios (uma extensão do hospital local) e diversos escritórios e salas polivalentes para aluguer. Enfatiza-se a necessidade de angariação de fundos que um centro comunitário necessita, uma vez que não pode depender apenas de fundos públicos, mas ser também capaz de angariar fundos próprios, seja alugando espaços, seja cobrando por alguns dos serviços prestados. Uma questão que surgiu foi a maneira que esta associação encontrou para descentralizar alguns dos seus serviços, fortalecendo ao mesmo tempo os laços da comunidade, utilizando o conceito de “banco de tempo”. As pessoas da comunidade oferecem serviços à mesma ou a indivíduos, e “recebem” um “cheque-tempo” que podem trocar por outros serviços que necessitem, seja jardinagem, pintura, etc...

D. WESTMINSTER ACADEMY



Figura 95: Westminster Academy

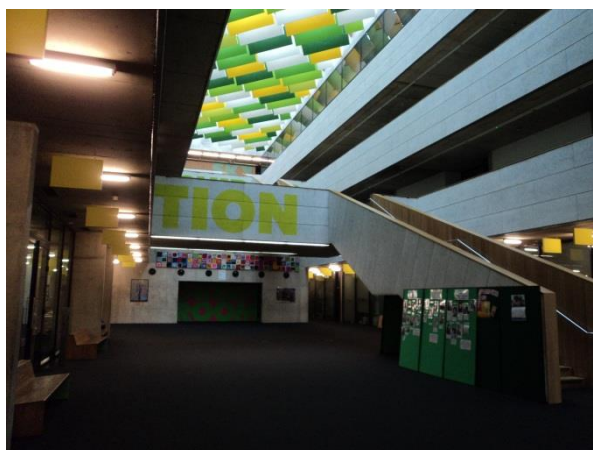


Figura 96: Westminster Academy – Átrio Interior

Quanto à Westminster Academy esperava-se uma escola cujos espaços e serviços pudessem ser utilizados pela comunidade. O que se encontrou foi isso mesmo, uma escola privada inserida num bairro relativamente pobre, cujos alunos não pagam nada para a frequentar. Estes recebem todo o tipo de apoio da academia, quer seja com estudo acompanhado, quer com apoio e aconselhamento no ingresso no mundo de trabalho. Quando não existem aulas, os espaços da academia podem ser alugados a pessoas e empresas para conferências, etc... ou pela comunidade que beneficia de um desconto de 25%. A academia também se esforça muito na colaboração dos pais no ensino dos seus filhos, prestando-lhes esclarecimentos regulares sobre as matérias dadas, ou até leccionando aulas de inglês e de educação familiar. O núcleo desportivo é independente das instalações da comunidade mas depende da mesma administração, sendo utilizado pelos alunos da academia nas aulas de educação física e pela população em geral mediante inscrição e mensalidade. Sobressaiu a multifuncionalidade da academia, a sua abertura à comunidade e a partilha de recursos pelas suas diversas funcionalidades, assim como o investimento em espaços muito iluminados e acabamentos de grande qualidade, criando um espaço muito descontraído e que inspirasse a criatividade e que ao mesmo tempo desencorajasse o vandalismo por parte dos alunos.

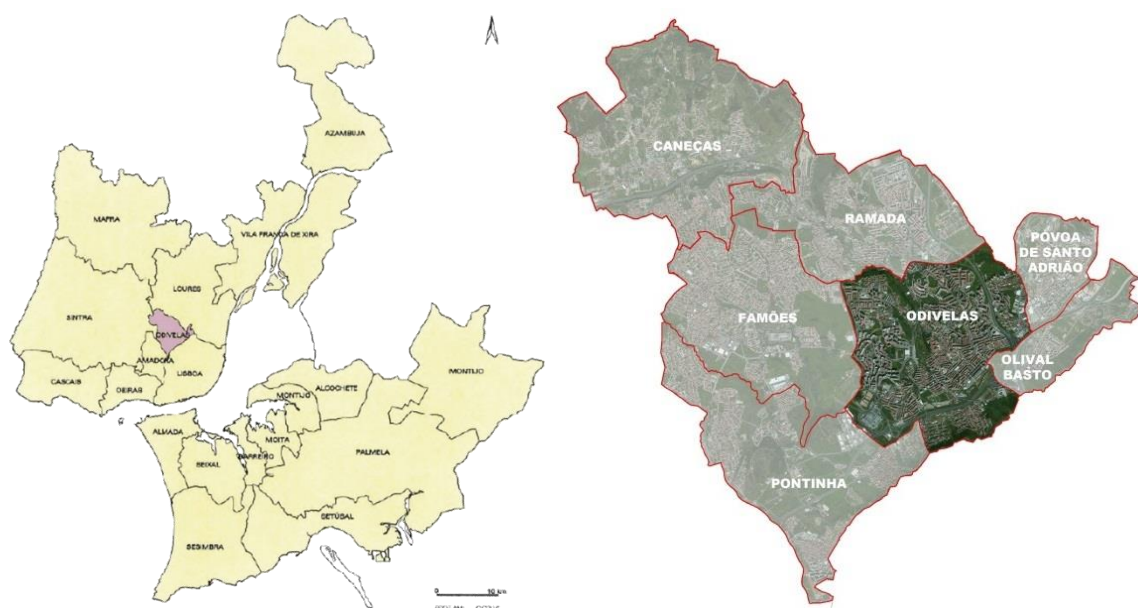
3 “O CASO DE ODIVELAS”

O caso de Odivelas pode ser bem definido por Daniel Innerarity em *O Novo espaço Público*: “Quando se mora num sítio, se trabalha noutro e se faz compras num terceiro, já não existe o cidadão como habitante do espaço público...” (INNERARITY 2006). A cidade de Odivelas depende muito de Lisboa, onde grande parte dos seus habitantes trabalham e passam o seu tempo livre, fazem falta em Odivelas verdadeiros espaços de sociabilidade, espaços de vida comum onde os diversos actores da sociedade se possam reunir e interagir.

3.1 ENQUADRAMENTO ESPACIAL E SOCIAL

3.1.1 O CONCELHO DE ODIVELAS

A área de intervenção localiza-se na freguesia, cidade e concelho de Odivelas, que se enquadra na Área Metropolitana de Lisboa, fazendo fronteira com os concelhos de Loures a nordeste, Sintra a oeste, Amadora a sudoeste e Lisboa a sudeste.



Conjunto de Figuras 12: Enquadramento do concelho e freguesia de Odivelas

O concelho de Odivelas foi criado pelo Decreto-Lei n.º 84/98, de 14 de Dezembro, desagregando-se do de Loures ao qual pertencia, ficando com uma área de $26,8 \text{ Km}^2$, e uma população de 133.847 residentes em 2001 (CMO - DPE 2004). Inicialmente pertenceu ao termo de Lisboa, até 1852, aquando da criação dos concelhos de Belém e Olivais. Em 1886 passa a pertencer ao concelho de Loures, por dissolução dos anteriores.

Não obstante as diversas teorias sobre o surgimento de Odivelas, é inequívoca a importância que o Convento D. Dinis, construído em 1295, teve no desenvolvimento da povoação. Até meados do século XX a maioria da população dedicava-se principalmente à agricultura, facto devido à grande qualidade dos terrenos para as práticas agrícolas e à abundância de recursos hídricos. A partir de 1755, ano em que se deu o grande terramoto, este território começa a ser procurado pela população lisboeta em busca de melhor qualidade de vida, é nesta altura que se constrói a maioria das quintas ainda hoje existentes

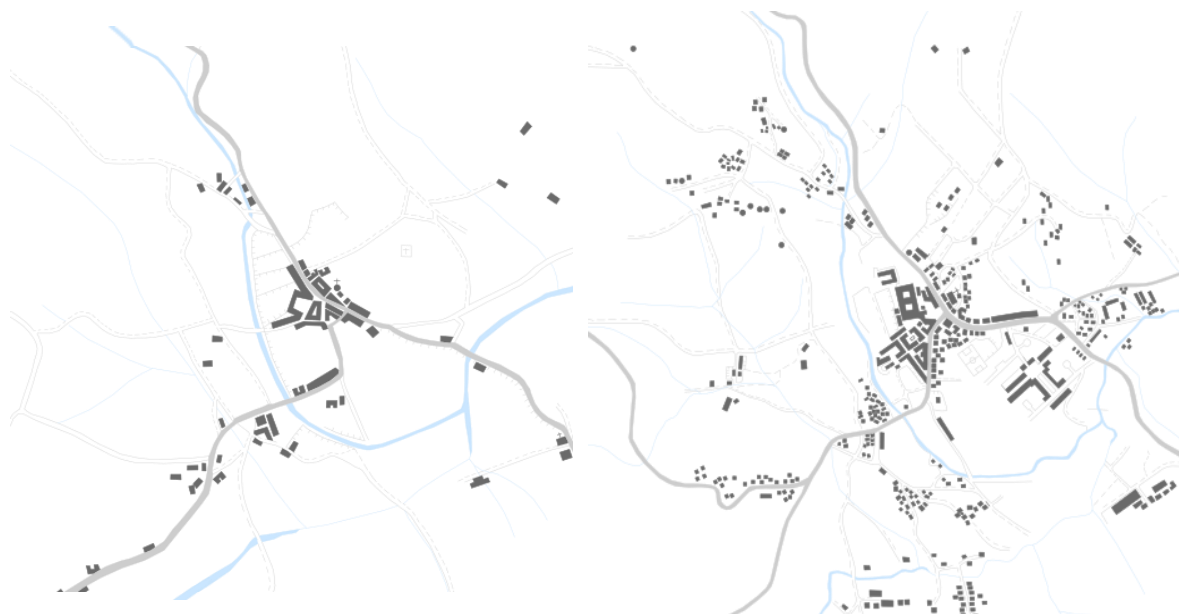
(Quinta do Espírito Santo, Quinta da Memória, Quinta das Águas Férreas, etc...). Em meados do século XIX é feita a ligação por estrada a Lisboa, assim como são construídos alguns bairros sociais, pelo que a população de Odivelas aumenta consideravelmente. A partir dos anos 50, momento em que se acentuam as migrações internas no país, do campo para as periferias das cidades, beneficiando da proximidade à metrópole e de habitação a preços mais acessíveis, a população da então freguesia de Odivelas, pertencente ao concelho de Loures, cresce exponencialmente, de 6.772 habitantes em 1950, passa para 51.395 habitantes em 1970 (CMO - DPE 2004). O movimento de loteamentos intensifica-se, assim como o aparecimento de bairros clandestinos, as chamadas AUGI's, estas com mais força ainda, depois das cheias de 1893. A partir dos anos 90, através de um novo plano de acessibilidades rodoviárias (CRIL, CREL, Radial da Pontinha e Radial de Odivelas), e consequente interligação entre Lisboa, Odivelas e municípios e regiões vizinhas, a região cresce generalizadamente, consolidando a matriz territorial.

3.1.2 A FREGUESIA DE ODIVELAS

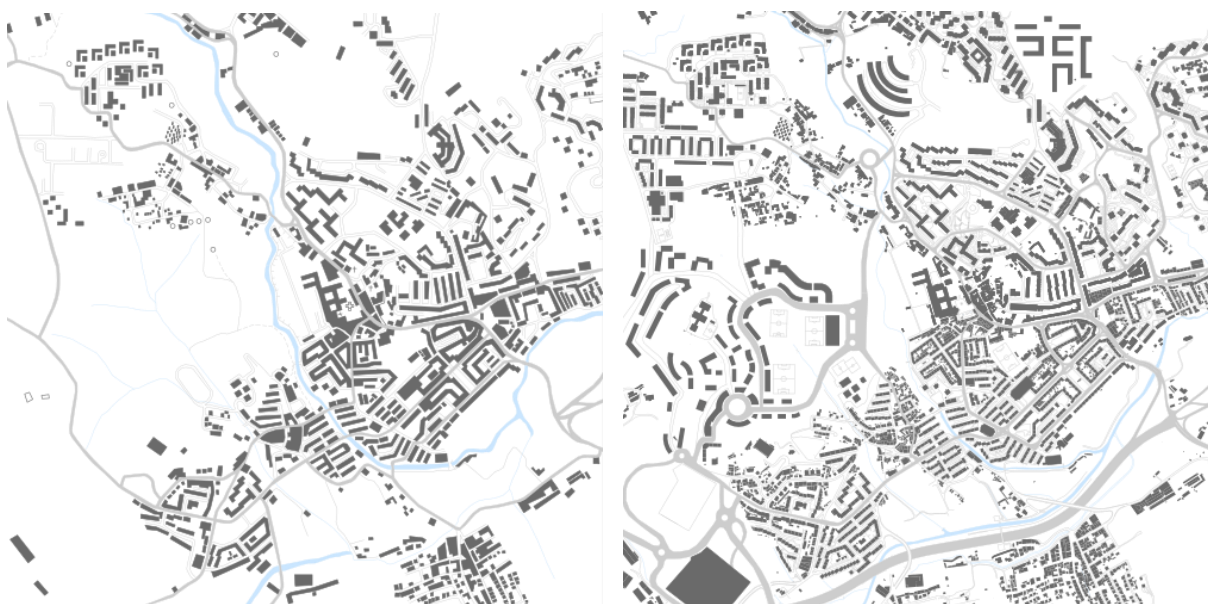
A freguesia de Odivelas situa-se na zona central do Concelho, fazendo fronteira com as freguesias da Ramada a norte, Famões a oeste, Pontinha a sudoeste, concelho de Lisboa a sul, Olival Basto a sudeste, Póvoa de Santo Adrião a este e concelho de Loures a nordeste. Possui uma área de $4,86 \text{ Km}^2$ e contava com 53.449 habitantes em 2001 (CMO - DPE 2004).

Pertenceu inicialmente ao 4º bairro de Lisboa, passando de seguida para o concelho de Belém e Olivais. A 28 de Julho de 1855 é anexada à freguesia da Póvoa de Santo Adrião, posteriormente, com a criação do concelho dos Olivais, é anexada a este. Em 1887 passa a fazer parte do concelho de Loures, entretanto criado. A cidade é elevada a vila em 1964 e a cidade em 1990. Com a criação do concelho de Odivelas, em 1998, passa a sede do concelho.

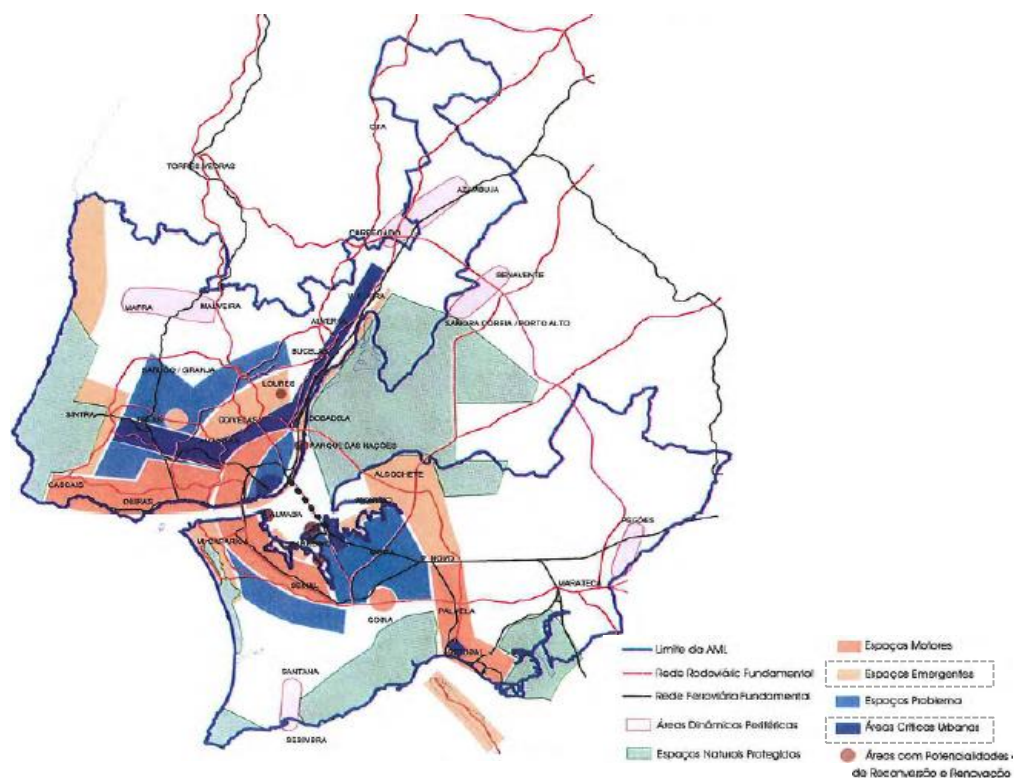
Actualmente Odivelas é uma zona essencialmente residencial, sendo uma das freguesias mais populosas do país.



Conjunto de Figuras 14: Evolução da Freguesia de Odivelas (1937 - 1965)



Conjunto de Figuras 14: Evolução da Freguesia de Odivelas (1993 - 2011)



A zona de Odivelas é assinalada como uma Área Crítica Urbana da AML, uma vez que o seu território está urbanística e socialmente desqualificado e possui carências ao nível de infra-estruturas e equipamentos. Apesar destes factores, integra-se num conjunto de infra-estruturas rodoviárias que lhe atribuem um papel chave na reestruturação e requalificação do arco envolvente norte da AML, assumindo-se como um novo centro urbano, articulado com o de Lisboa, mas com autonomia funcional em relação a este.

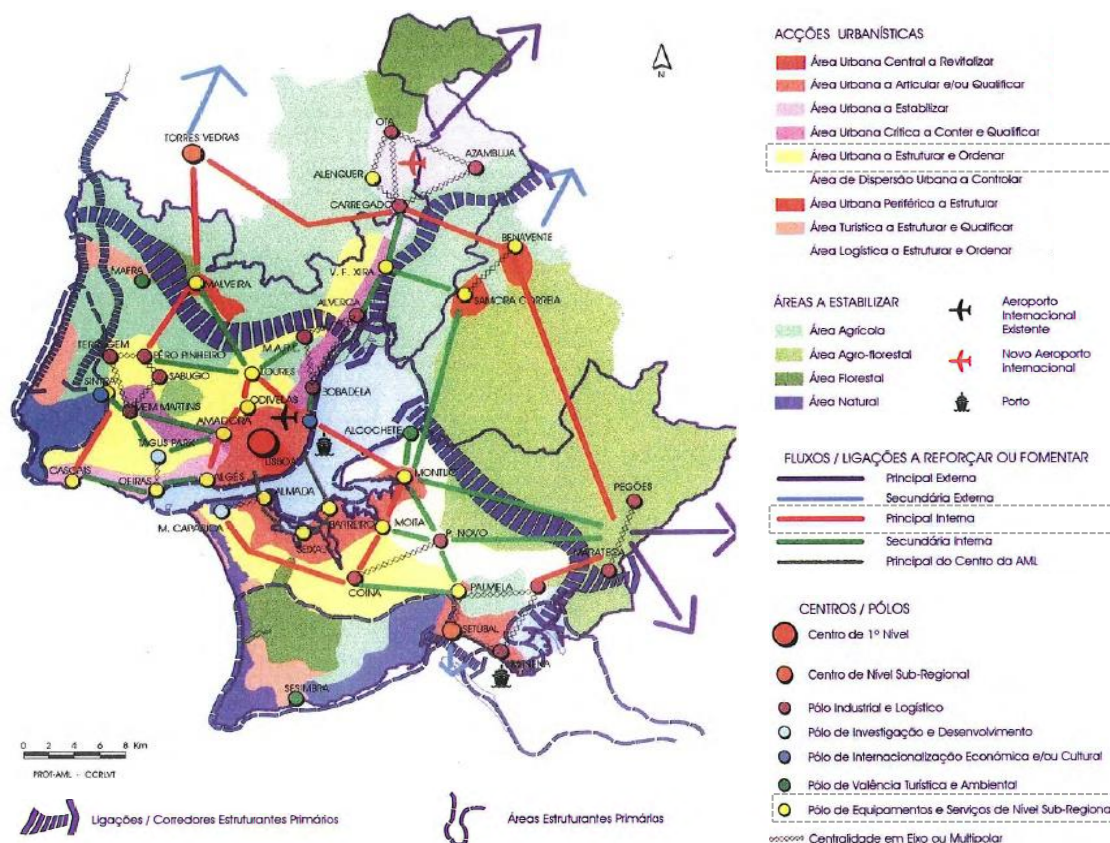


Figura 98: Modelo Territorial da AML

3.2 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

No âmbito do trabalho realizado no 9º Semestre do mestrado integrado em Arquitectura, na cadeira de Laboratório de Projecto VI, em protocolo com a Câmara Municipal de Odivelas (CMO), com o tema: Entre Espaços – Ligar o construir no construído: Redesenhar e requalificar o Lugar – o Bairro na Cidade; a área de intervenção situa-se no centro de Odivelas, na zona da ribeira, entre a Quinta da Arroja a norte e a Quinta do Espírito Santo a sul. O objectivo do trabalho foi o redesenhar do território e a sua requalificação através de inserções cirúrgicas de equipamentos públicos, incorporando as propostas no edificado existente.

Através do protocolo, a CMO definiu um conjunto de objectivos estratégicos para o lugar, sendo estes, a criação de uma zona urbana integrada e integradora que consolidasse e requalificasse o tecido urbano; uma solução avançada de infra-estruturas; a optimização funcional do bairro da Quinta da Arroja; uma estrutura urbana que promova a integração social. Estes objectivos assentam em quatro eixos de acção: o eixo da qualidade urbana e ambiental (Reconversão do espaço público, infra-estruturas e ambiente urbano com vista à sua qualificação), o eixo da dinamização económica (Novas oportunidades e fomento do empreendedorismo; criação de espaços para novas actividades económicas no apoio ao auto-emprego e empreendedorismo), eixo da dinamização social (construção e implementação de equipamento de proximidade – creche; promoção da cidadania da interacção e da coesão social; dinamização de actividades recreativas e desportivas). “O objectivo é criar um lugar integrado, onde o utilizador faça parte da sua vivência, e desenvolva «ligações» e «afectos» de confiança mútua.” (ver Anexo I.i Enunciado do trabalho da cadeira de Laboratório de Projecto VI – Professor Dr. Pedro Rodrigues, Arq. Professor Dr. Rui Barreiros Duarte, Arq. - MIArq 5ª D - 2011-2012)

Numa primeira fase foi feita uma análise da área de intervenção e posteriormente, em grupo foi desenvolvida uma proposta para o lugar. A proposta consistia num parque urbano entre a Quinta do Espírito Santo e a Quinta da Arroja com dois equipamentos integrados. Uma rede de percursos estruturava o parque, resolvendo os atravessamentos da ribeira, ordenado as hortas urbanas e fazendo a ligação com os equipamentos propostos, um localizado em frente ao pavilhão multiusos de Odivelas e outro na encosta entre a Colina do Cruzeiro e a Quinta da Arroja.

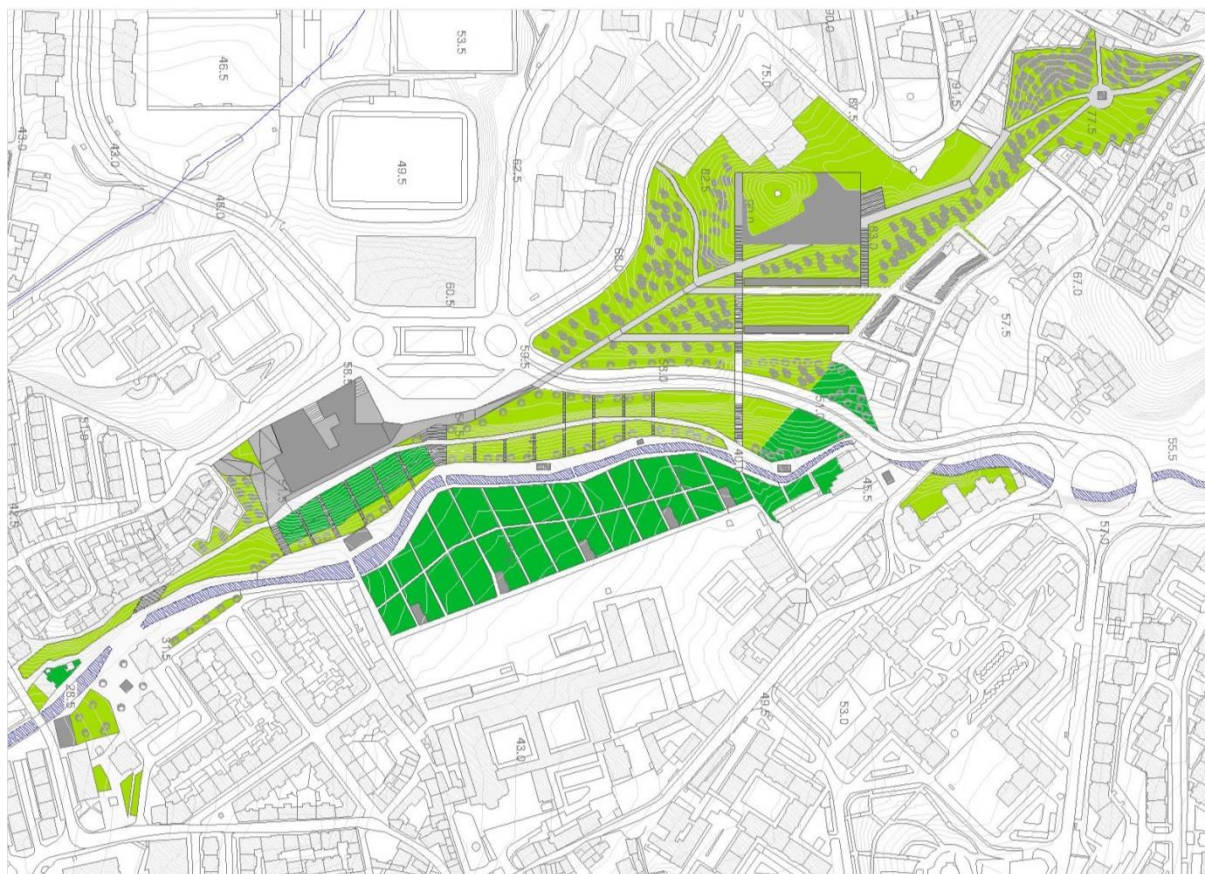


Figura 99: Implantação da proposta da fase de grupo

Numa fase posterior, e individual, foi pedido um enfoque num dos equipamentos propostos e é a partir daí que a presente proposta de intervenção se desenvolve.

3.2.1 LOCALIZAÇÃO

O local escolhido para a proposta de intervenção foi então o situado na encosta entre a Colina do Cruzeiro, a Quinta da Arroja e a Alameda do Porto Pinheiro, pela proximidade ao centro histórico de Odivelas, pela posição central que ocupa e pelo desafio que constitui a interligação urbana e social entre estes dois bairros.

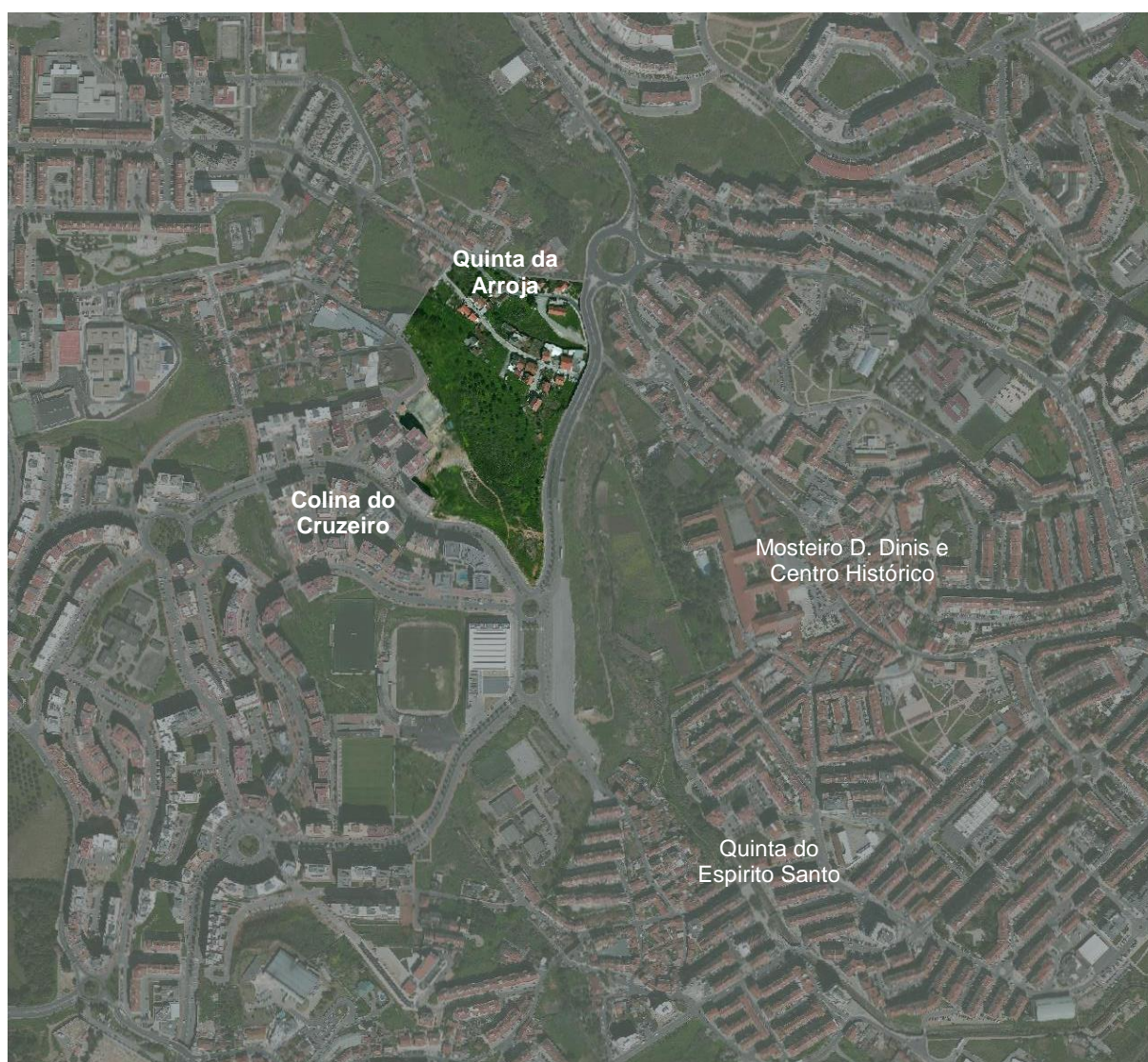


Figura 100: Enquadramento da área de intervenção

A. COLINA DO CRUZEIRO

A urbanização da Colina do Cruzeiro, é a mais recente urbanização da freguesia de Odivelas, tendo beneficiado dos novos eixos viários regionais que servem a cidade. Veio renovar um território anteriormente conhecido como a Quinta do Porto Pinheiro, com uma malha consolidada, é hoje uma nova centralidade na cidade e veio inverter um pouco a imagem de subúrbio que caracterizada a cidade de Odivelas.



Figura 101: Colina do Cruzeiro

B. QUINTA DA ARROJA

A Quinta da Arroja surge de forma clandestina na altura das migrações internas dos anos 50, estando já consolidado no final dos anos 80. É o bairro da freguesia com a maior percentagem de ocupação urbana de génese ilegal – AUGI, sendo por isso muito heterogéneo no que toca à sua população. Segundo dados de 2000, possui 70 construções precárias, das quais, 9 estavam desabitadas; e uma população total de 227 habitantes. Devido ao seu carácter ilegal, a Arroja caracteriza-se pela desarticulação da sua malha e fracas ligações com os núcleos envolventes. Nos últimos anos a tendência tem sido de legalização das habitações em conjunto com arranjos urbanísticos das ruas e estacionamento.



Figura 102: Quinta da Arroja

3.2.2 ANÁLISE SWOT

Tendo em vista uma melhor compreensão dos desafios, problemas e potencialidades da área de intervenção e que uma nova proposta para o local iria ter, fez-se uma análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats):

Forças:

- Localização central em relação à cidade de Odivelas, sendo um enclave entre a Quinta da Arroja, a Colina do Cruzeiro e o Centro Histórico.
- Vista panorâmica sobre a cidade.
- Proximidade à Colina do Cruzeiro e ao Centro Histórico, duas centralidades da cidade.

Fraquezas:

- Carência de infra-estruturas e equipamentos no núcleo da Arroja.
- Falta de espaço público de qualidade.
- Falta de zonas de transição entre as diversas malhas e núcleos
- Isolamento espacial da Arroja

Oportunidades:

- Zona de charneira entre a Colina do Cruzeiro e a Quinta da Arroja, podendo actuar como ligação entre estes dois bairros, por comparação à posição actual, fracturante, de barreira.
- Espaço expectante de Odivelas, podendo ser recuperado como parque urbano e/ou equipamento público.
- Local de grande visibilidade, visto praticamente de toda a cidade.

Ameaças:

- Existência de catenárias e cabos de alta-tensão.
- Expansão das AUGI's
- Degradação do parque edificado.
- Actos de marginalidade.

3.2.3 INTENÇÕES

O espaço público é o lugar por excelência da sociabilidade, é em lugares como a rua, as praças, os cafés, os parques, os museus e as salas de espetáculos que se exerce a cidadania, “O espaço público é o espaço cívico do bem comum.” (INNERARITY 2006). É no espaço público da cidade que a individualização se assume permitindo a heterogeneidade, condição da cultura das cidades.

Propõe-se então para o local um equipamento público e parque urbano envolvente que ordene e estruture este lugar, reforçando as ligações existentes, mas também criando novas ligações entre os núcleos adjacentes. Pretende-se um lugar unificador e simbólico, que sirva tanto a população da Colina do Cruzeiro, como a da Quinta da Arroja, potenciando as relações de urbanidade e sociabilidade entre os seus moradores. Pretende-se também criar uma nova centralidade em Odivelas, uma infra-estrutura que interligue e regenere as estruturas sociais e urbanas da cidade, um lugar integrado e integrador.

3.2.4 PROPOSTA

A proposta de intervenção consiste num equipamento público, dividido em dois núcleos (núcleo da cultura e núcleo da educação), integrado num parque urbano. O edifício assenta numa plataforma no topo da colina, com vista privilegiada sobre o parque e envolvente. Dessa plataforma partem cinco eixos estruturantes, assumindo a importância do equipamento como central e de interligação, unindo: dois à Quinta da Arroja, dois à Colina do Cruzeiro e um ao centro histórico. Os acessos a estes eixos são marcados por pequenos equipamentos e/ou serviços, podendo estes ser uma tabacaria, um pequeno café ou um quiosque de aluguer de bicicletas. O parque urbano possui ainda diversos espaços de lazer, como um parque de merendas, um parque infantil, campo de jogos e um anfiteatro.

O equipamento assenta no topo da plataforma, como um rasgo na colina, sendo a sua cobertura ajardinada e completamente percorrível. Para quem vem da Colina do Cruzeiro, ou se situa no topo do parque, os únicos elementos visíveis do edifício são uma cafetaria agregada ao espaço do monta-cargas, AVAC's e à saída de emergência do auditório e uns periscópios para a iluminação interior do edifício, estes elementos foram

aproveitados na cobertura como assentos. Devido à presença de uma catenária no local, foi tido o cuidado de diminuir o seu impacto visual com vegetação.



Figura 103: Proposta - Implantação e parque urbano

Apesar de dividido em dois núcleos, o edifício funciona como um só, tendo uma administração apenas e partilhando diversos outros recursos. O acesso é feito pela plataforma a partir da qual se desenvolve o núcleo da cultura para sul e o da educação para norte. Tendo em vista a utilização contínua deste espaço, para além do programa variado, o edifício é ainda composto por duas zonas de comércio e serviços nos extremos. O núcleo da cultura compreende os seguintes espaços: um foyer com um bar/restaurante, auditório, sala de leitura e sala de música, assim como espaços de apoio a estas unidades (I.S.'s, copa, camarins, arrumos, etc...). O núcleo da educação compreende: um átrio/zona de exposições, uma biblioteca, uma sala de conferências, uma creche, salas de aula para formação de adultos, uma sala de *workshops* e uma incubadora de empresas, assim como a administração e um pátio interior.

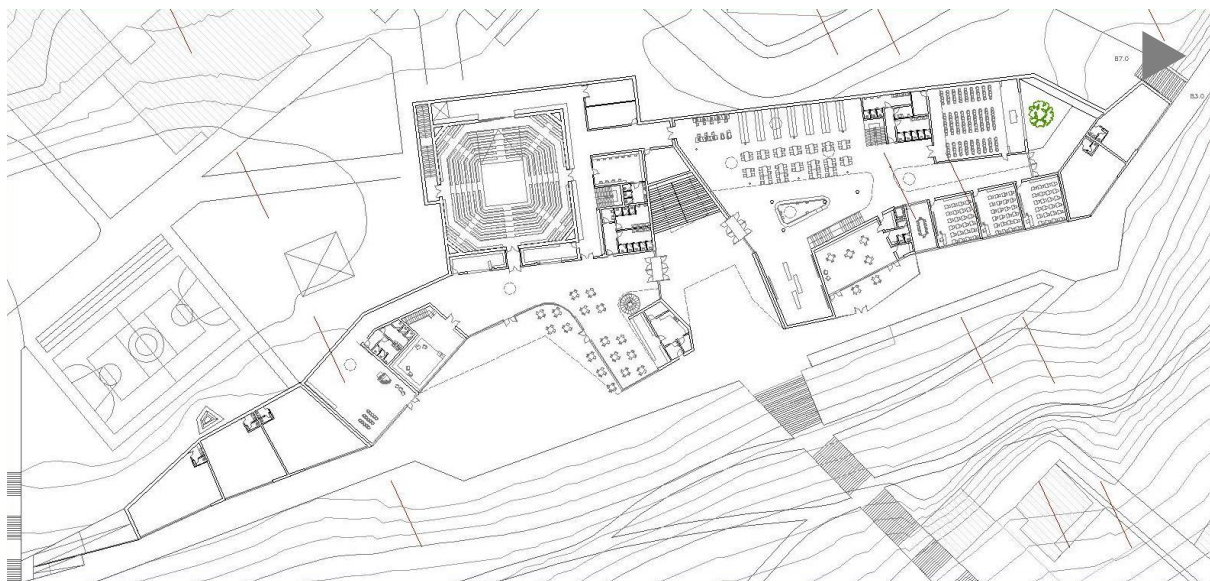


Figura 104: Proposta - Planta geral - piso 0

Usos		Área
Área total de implantação		4300 m2
Núcleo da cultura		2490 m2
Piso 1		1875 m2
	Foyer	400 m2
	Auditório	441 m2
	Bar/Restaurante	70 m2
	Sala de Leitura	90 m2
	Sala da Música	167 m2
	Bilheteira	26 m2
	Bengaleiro	26 m2
	I.S.	59 m2
	I.S.	32 m2
	Camarins	55 m2
	Arrumos	64 m2
	Depósito	31 m2

Piso 2		615 m2
	Sala de Leitura	36 m2
	Mezanino (Bar)	92 m2
	Camarins	120 m2
	Arrumos	96 m2
	Gabinetes de tradução simultânea/ Luz/ Som	63 m2
Núcleo da educação		2615 m2
Piso 1		1675 m2
	Átrio/ Zona de exposições	310 m2
	Biblioteca	360 m2
	Sala de Conferências	178 m2
	Creche	117 m2
	Salas de Aula	3 x 53 m2
	Sala de Workshops	28 m2
	Pátio Interior	132 m2
	I.S.	59 m2
	Arrumos	10 m2
Piso 2		940 m2
	Biblioteca	360 m2
	Incubadora de Empresas	197 m2
	Administração	120 m2
	I.S.	59 m2
	Gabinetes de tradução simultânea/ Luz/ Som	25 m2
Comércio/Serviços		113 m2
		114 m2
		140 m2
		84 m2
		84 m2

Tabela 1: Áreas do edificado proposto

A. NÚCLEO DA CULTURA

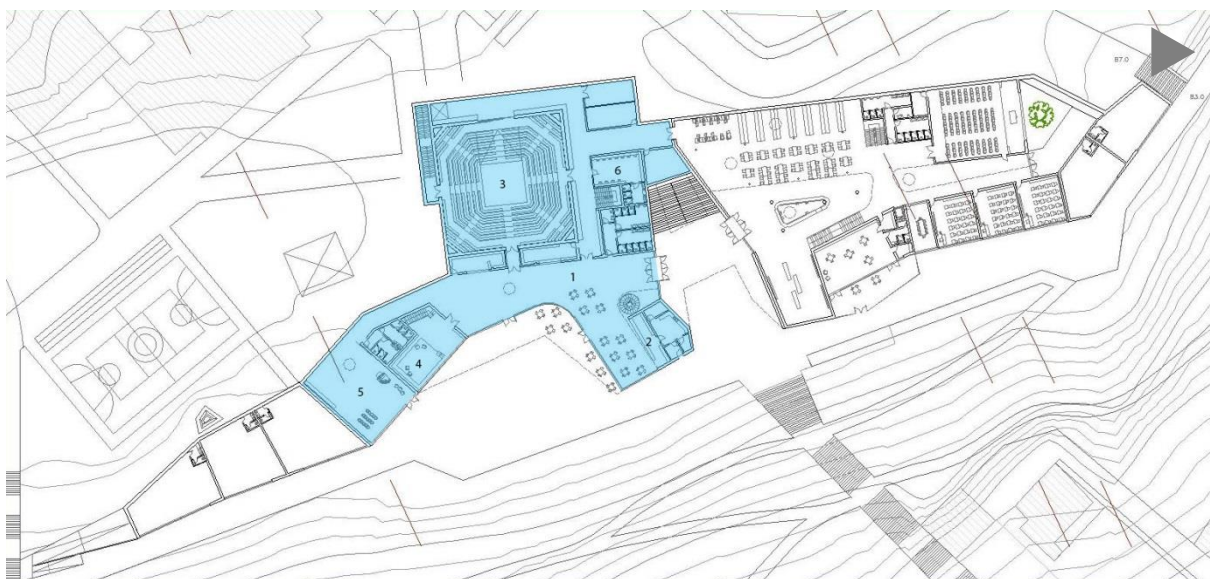


Figura 105: Proposta - Núcleo da Cultura

O núcleo da cultura está mais virado para o lazer e para o ócio, querendo assumir-se como um importante pólo dinamizador, cultural e artístico da cidade de Odivelas. O espaço central do núcleo da cultura é o seu foyer (1), a partir do qual se acede a todos os outros espaços. Prolonga-se do edifício para a plataforma exterior, dividido apenas por um grande envidraçado. Está em estreita relação com o bar/restaurante (2), de apoio às restantes funções, também do núcleo da educação, o qual possui uma copa e por cima um mezanino sobre o foyer, ocupando o mezanino e uma parte do foyer. O auditório (3) é outra peça fundamental deste núcleo e do conjunto, de planta central, mas flexível de maneira a que o palco possa ser instalado num dos topos do auditório. Como unidades de apoio beneficia de quatro camarins (6), de duas zonas de arrumos e de uma ampla zona técnica para luz e som, assim como unidades de tradução simultânea. Devido à sua flexibilidade e unidades de apoio, pode albergar variados espectáculos, concertos, peças de teatro e conferências, servindo a cidade de Odivelas de diversas maneiras. A sala de leitura (4) é uma zona mais intimista e descontraída do núcleo, onde os utilizadores podem recolher-se a ler um livro ou um jornal, ou até mesmo servir para albergar reuniões de clubes de leitura locais. A sala da música (5) é uma pequena sala de concertos informais e/ou espontâneos, podendo também servir como sala de ensaios ou sala de aulas de música.

B. NÚCLEO DA EDUCAÇÃO

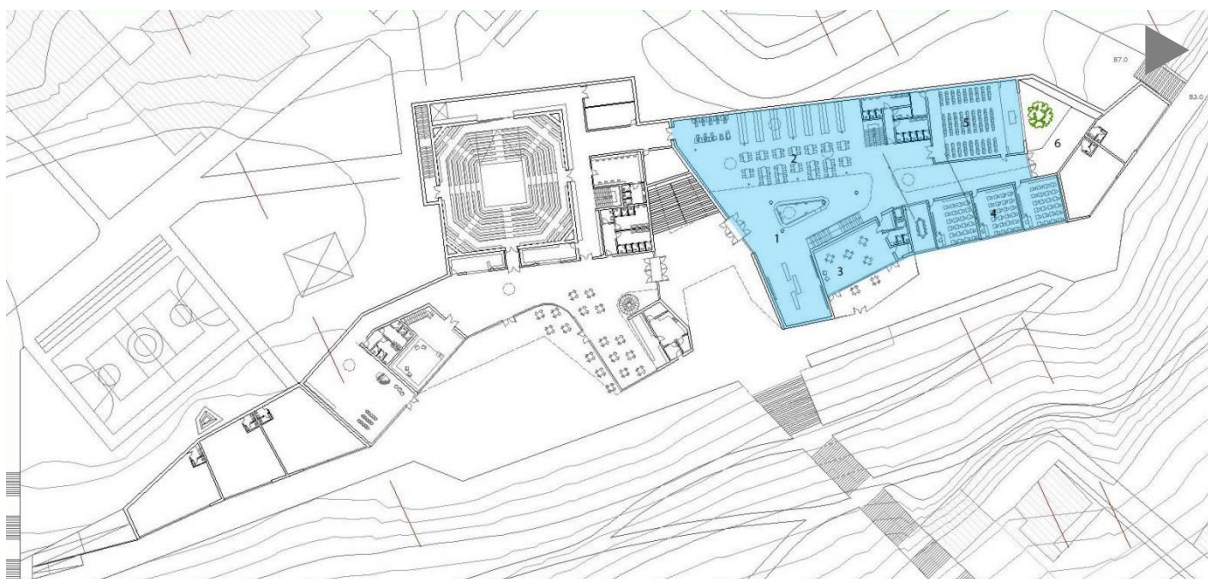


Figura 106: Proposta - Núcleo da Educação

O núcleo da educação está mais virado para a instrução das populações das AUGI's, para a instrução, educação e orientação para o mercado de trabalho. O núcleo organiza-se em torno de um grande átrio/zona de exposições (1) de pé direito duplo, a partir do qual se prolonga o espaço da biblioteca (2). Esta organiza-se em dois pisos, beneficiando de uma sala de *workshops*, um pequeno núcleo informático e um depósito. Esta serve também de apoio às salas de aula para formação de adultos (4), onde poderão ser ministrados pequenos cursos de formação social e/ou profissional, com vista à requalificação do tecido social de Odivelas. Este núcleo alberga também uma sala de conferências (5), equipado com gabinetes de tradução simultânea, aumentando a sua funcionalidade. No segundo piso existe uma incubadora de empresas constituída por três escritórios e uma sala de reuniões comum, o objectivo desta função, é orientar e apoiar os indivíduos que, tendo ou não tirado um curso no núcleo, pretendam começar um negócio ou empresa, com a possibilidade de favorecer os residentes na freguesia, fazendo estes beneficiar de preços de aluguer mais baixos. O núcleo possui uma creche/atl (3), cujo objectivo é proporcionar aos utilizadores do edifício, seja qual for a actividade, um local onde deixar os filhos; esta possui um pequeno pátio exterior. Alberga ainda a administração dos dois núcleos e um pátio interior (6) com um pequeno jardim cénico para onde a sala de conferências está virada.

A cultura e “(...) a educação como um dos meios que hoje se oferecem para integrar, para unificar, para reestruturar o caos em que o homem e a sua sociedade se encontram e daí o papel extraordinário de que ela se reveste (...). Mas para que seja verdadeiramente integradora, a educação não deve destruir o que de positivo exista nos indivíduos ou nas sociedades e não deve portanto, constituir um processo de imposição de conceitos, mas antes um processo de troca de conceitos, um dar e receber que não destrua mas valorize, tendo como intenção criar uma sociedade unitária, em bora diversificada, una mas não uniforme, em que o individuo seja tão livre como integrado numa comunidade de interesses.” (TÁVORA 1962)

CONCLUSÃO

Procurou-se com esta dissertação clarificar os conceitos de Urbanidade e Sociabilidade através de uma análise histórica da cidade, centrando-se nas questões relativas ao espaço público enquanto espaço de contacto e confronto social. Nos capítulos de desenvolvimento foram abordados textos de referência que abordam e contextualizam o problema.

Foram abordados temas como a definição de espaço público, sem deixar de referir a plasticidade do espaço nas ruas das cidades da Europa do Sul, assim como as características fundamentais do espaço público.

Constatou-se que o espaço público da cidade, enquanto lugar de partilha comunitária é relegado para segundo plano a partir do século XV, em prol dos espaços de troca e mobilidade, culminando na pós-metrópole, uma aglomeração de funções baseadas em lógicas de transporte e tráfego. Mas com esta evolução surge a nostalgia da *pólis*. Pedem-se duas coisas à cidade, que seja um espaço sem obstáculos ao movimento, à mobilidade e à troca, mas também que seja um espaço de comunicação e convívio, um lugar antropológico. Esta contradição é entendida como o ponto de partida para a criação de novos espaços, verdadeiros espaços públicos para a vida pós-metropolitana, que reflectam o tempo e o movimento.

Foi ainda empreendida uma viagem a Londres para conhecer quatro dos casos de estudo abordados na presente dissertação, sendo estes a Idea Store Whitechapel, o Young Vic Theatre, o Coin Street Neighbourhood Centre e a Westminster Academy. Desta viagem sobressaíram algumas características chave aos quais se deve o sucesso destes edifícios, sendo a necessidade de integração do edifício na identidade e comunidade local, a transversalidade e multifuncionalidade de usos, a partilha de recursos e abertura a toda a comunidade em espaços partilhados.

Ao passar para a proposta de intervenção, foram utilizados conceitos abordados na fase de desenvolvimento, assim como características de alguns casos de estudo, tendo em conta a realidade em que se inserem, adaptando-as à realidade de Odivelas. Optou-se por um projecto subdividido em dois núcleos, em detrimento de um só edifício. Tendo em conta a realidade portuguesa, seria difícil o uso simultâneo de um edifício por diferentes classes e

estratos sociais, não cumprindo assim o objectivo a que o projecto se propunha. Com a subdivisão em dois edifícios com programas diferentes, pretende-se uma abordagem mais modesta, adaptada à sociedade portuguesa, que não constitua um processo de imposição de conceitos, mas um processo de trocas, que potencie as relações de urbanidade e sociabilidade, em vez de as forçar. Pretende-se antes de mais a criação de pontes entre os indivíduos, entre as populações da Colina do Cruzeiro e da Quinta da Arroja, de Odivelas.

Conclui-se com a importância e responsabilidade social que o arquitecto tem enquanto organizador do espaço. O espaço arquitecturado exprime a identidade da sociedade e o seu sentido simbólico. O objecto da arquitectura é a própria sociedade, é a arte de construir o nosso lugar no mundo e de o marcar como nosso.

ÍNDICE ANALÍTICO

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	III
ABSTRACT	V
ÍNDICE DE FIGURAS	IX
SIGLAS	XV
INTRODUÇÃO	1
1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1 URBANIDADE E SOCIABILIDADE	3
1.1.1 “A Rua como um Lugar dentro da Cidade”	5
1.2 ESPAÇO E IDENTIDADE	7
1.2.1 Permanência vs Transitoriedade	9
2 ESTADO DA ARTE.....	11
2.1 ANÁLISE DE CASOS RELEVANTES	11
2.1.1 Equipamentos	12
a. Biblioteca Pública y Parque de Lectura.....	13
b. Coin Street Neighbourhood Centre	17
c. De Kamers House of Culture	21
d. Idea Store Whitechapel.....	25
e. SESC Pompéia	29
f. Westminster Academy	33
g. Young Vic Theatre	37
2.1.2 Espaço Público.....	40
a. Parc del Fórum	41
b. Parque das Nações	45
c. Parque dos Poetas	49
d. Parque Urbano do Cacém	53
2.1.3 Síntese de Equipamentos Visitados	55
a. Idea Store Whitechapel.....	55
b. Young Vic Theatre	56
c. Coin Street Neighbourhood Centre	57
d. Westminster Academy	58
3 “O CASO DE ODIVELAS”	59
3.1 ENQUADRAMENTO ESPACIAL E SOCIAL	61
3.1.1 O Concelho de Odivelas	61

3.1.2	<i>A Freguesia de Odivelas</i>	62
3.2	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	67
3.2.1	<i>Localização</i>	69
a.	Colina do Cruzeiro.....	70
b.	Quinta da Arroja	71
3.2.2	<i>Análise SWOT</i>	72
3.2.3	<i>Intenções</i>	73
3.2.4	<i>Proposta</i>	73
a.	Núcleo da Cultura.....	77
b.	Núcleo da Educação	78
	CONCLUSÃO	81
	ÍNDICE ANALÍTICO	83
	BIBLIOGRAFIA	85
	ANEXOS	I
I	DOCUMENTOS DE APOIO	III
I.i	<i>Enunciado do trabalho da cadeira de Laboratório de Projecto VI – Professor Dr. Pedro Rodrigues, Arq. Professor Dr. Rui Barreiros Duarte, Arq. - MIArq 5ª D - 2011-2012</i>	III
I.ii	<i>Análise Sócio-Económica</i>	XV
I.iii	<i>Fichas de Usos</i>	XXI
a.	Auditórios/Teatros	XXIII
b.	Salas de Aula/Multiusos	XXV
c.	Bibliotecas.....	XXIX
d.	Creche/Sala Infantil.....	XXXI
e.	Exposições.....	XXXIII
II	FOTOGRAFIAS DAS MAQUETAS	XXXV
II.i	<i>Maqueta 1/500</i>	XXXV
II.ii	<i>Maqueta 1/200</i>	XXXIX
III	PEÇAS DESENHADAS	XLV

BIBLIOGRAFIA

- A+T ediciones. "Civilities I, Nº29." *A+T: revista trimestral de Arquitectura y Tecnología*, 2007.
- . "Civilities II, Nº30." *A+T: revista trimestral de Arquitectura y Tecnología*, 2007.
- . "In Common II; Nº26." *A+T: revista trimestral de Arquitectura y Tecnología*, 2005.
- . "In Common III, Nº27." *A+T: revista trimestral de Arquitectura y Tecnología*, 2006.
- AGIER, Michel. "Les Savoirs Urbains de l'Anthropologie." In *Enquête. Anthropologie, Histoire, Sociologie: 4, La Ville des Sciences Sociales*, 35-58. Marseille: Éditions Parenthèses, 1996.
- AMOR, Teresa. *Diagnóstico das Expectativas dos Actores Sociais Locais do Concelho de Odivelas - Relatório Final*. Odivelas, 2003.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90º, 2006.
- BORJA, Jordi, e Zaida MUXI. *El Espacio Público: Ciudad y Ciudadanía*. Barcelona: Electa, 2003.
- CACCIARI, Massimo. *A Cidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien: 1. Arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990.
- CMO - DPE. *Estudos Prévios de Planeamento Estratégico: Historial e Perfis Demográfico e Sócio-Económico (Volume I)*. Odivelas, 2004.
- . *Linhas de Orientação Estratégica para o Concelho de Odivelas (Volume I) - Proposta*. Odivelas, 2004.
- CORDEIRO, Graça Índias, and Frédéric VIDAL. *A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- DIAS, Manuel Graça. "Espaços públicos e espaços falsamente públicos." *Imprópria: Política e pensamento crítico*, Nº1, 1º Sem 2012: 25-27.

- . *Manual das Cidades*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.
- FREITAG, Michel. *Arquitectura e Sociedade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.
- GEHL, Jan. *Life Between Buildings: Using Public Space*. Copenhagen: The Danish Architectural Press, 2006.
- GONÇALVES, Jorge Manuel. *Os Espaços Públicos na Reconfiguração Física e Social da Cidade*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2006.
- GONZÁLEZ, Xavier. "Urbanidad y sociabilidad: Escenarios y Transformaciones." *A+T: revista trimestral de Arquitectura y Tecnología*, N°27, 2006: 4-9.
- HOLSTON, James. *The modernist city: an anthropological critique of Brasília*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- INNERARITY, Daniel. *O Novo Espaço Público*. Traduzido por Manuel Ruas. Lisboa: Teorema, 2006.
- JACOBS, Jane. *The death and life of great american cities*. New York: Vintage, 1961.
- LEONTIDOU, Lila. *The Mediterranean city in transition*. New York: Cambridge University Press, 1990.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: Les Presses universitaires de France, 1966.
- MITCHELL, J. Clyde. "The situational Perspective." In *Cities, Society, and Social Perception. A Central African Perspective*, 1-33. Oxford: Clarendon Press, 1987.
- MITCHELL, William John. *E-Topia: Urban Life, Jim-But Not As We Know It*. Massachusetts: MIT, 1999.
- NUNES, João Pedro. "Público e privado: usos, circulação e ideologia." *Imprópria: Política e pensamento crítico*, N°1, 1º Sem 2012: 34-35.
- PAQUET, Sandra. "Hacia un nuevo espacio público? Vagando por Ost Strand, Berlín." *A+T: revista trimestral de Arquitectura y Tecnología*, N°27, 2006: 10-29.

PARK, Robert Erza. "La Ville comme Laboratoire Social." In *L'Ecole de Chicago, Naissance de l'Écologie Urbaine*, by Y. GRAFMEYER and I. JOSEPH, 167-183. Aubier, 1929.

PUJADAS, Joan J. "A Rua como Espaço Público de Sociabilidade: Um Olhar Comparativo." In *A Rua, Espaço, Tempo, Sociabilidade*, de Graça Indias CORDEIRO e Frédéric VIDAL (Org.), 143-154. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

REDFIELD, R. *Tepotzlan, a Mexican Village*. Chicago: University of Chicago Press, 1930.

RSCO. *Diagnóstico Social*. Odivelas, 2005.

SIEBER, Tim. "Ruas da Cidade e Sociabilidade Pública: Um Olhar a Partir de Lisboa." In *A Rua, Espaço, Tempo, Sociabilidade*, de Graça Indias CORDEIRO e Frédéric VIDAL (Org.), 47-64. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

TÁVORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações, 1962.

Websites:

<http://linabobarditogether.com/2012/08/03/the-making-of-sesc-pompeia-by-marcelo-ferraz/>
[consultado em 2013-04-08]

<http://www.burofour.com/projects/the-young-vic-theatre> [consultado em 2013-03-02]

<http://www.kortekniestuhlmacher.nl/?q=/node/26> [consultado em 2013-02-27]

<http://www.lejarraga.com/?portfolio=biblioteca-publica-y-parque-de-lectura-en-torre-pacheco-murcia> [consultado em 2013-03-02]

<http://www.bsmsa.cat/index.php?id=34&L=1> [consultado em 2013-05-16]

http://www.parqueexpo.pt/conteudo.aspx?caso=projetos&lang=pt&id_class=201&name=Parque-das-Nacoes [consultado em 2013-05-16]

http://www.polemica.uerj.br/pol21/cimagem/p21_evelyn.htm [consultado em 2013-04-08]

http://www.sescsp.org.br/unidades/11_POMPEIA/ [consultado em 2013-04-08]

<http://www.youngvic.org/> [consultado em 2013-03-17]

Numero total de palavras: 11.113

ANEXOS

I DOCUMENTOS DE APOIO

- I.I ENUNCIADO DO TRABALHO DA CADEIRA DE LABORATÓRIO DE
PROJECTO VI – PROFESSOR DR. PEDRO RODRIGUES, ARQ.
PROFESSOR DR. RUI BARREIROS DUARTE, ARQ. - MIARQ 5ª D - 2011-
2012



Entre Espaços – Ligar o CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

Redesenhar e requalificar o Lugar - o Bairro na Cidade

A cidade do amanhã já existe hoje, a sua requalificação dar-nos-á a cidade do futuro!

A crise ecológica que vivemos (o anúncio do fim dos combustíveis fósseis, o aquecimento global) alteraram decisivamente a ideia de progresso. Portugal viveu uma revolução industrial tardia e uma diminuição brutal da sua tradição agrícola, que num rompante transformaram brutalmente o nosso território, trazendo tudo e todos para o litoral, abandonando o interior.

À volta das cidades, construímos periferias extensíssimas: transformámos os antigos caminhos e as novas estradas em “ruas” (A Rua do Caminho, escreve Álvaro Domingues), num urbanismo sem desenho, insustentável a médio prazo. Ao mesmo tempo abandonamos os antigos centros históricos, com rendas congeladas há mais de meio século. Com uma taxa demográfica das mais baixas do mundo (1,36 filhos por casal em 2009) e um dos parques habitacionais mais modernos, o país tem aproximadamente 1/4 das habitações de que (já) dispõe sem uso previsível a curto prazo. Todos os indicadores apontam para uma redução brutal dos novos licenciamentos e das novas construções.

Destruída a periferia, as atenções retornam à cidade consolidada. Falidas as teorias da segregação funcional (trabalho aqui, habitar ali, recrear-se além) procuramos novas soluções heterogêneas onde seja de novo possível trabalhar e habitar num mesmo sector urbano. Caminhar para o trabalho é a nova utopia de uma cidade plural, heterogênea, com novas comunidades multiétnicas, os habitantes de um mundo- cidade global. O recentramento nas cidades - falindo o transporte privado é óbvia a nova importância das infra-estruturas que obviamente se centraram nos clusters de maior densidade urbana - perante as crises energéticas anunciadas, conduzem-nos para a cultura dos “ãos” (requalificação, reabilitação, regeneração, revitalização urbanas) e sabemos bem hoje que reabilitar um edifício custa cem vezes menos energia do que construir um edifício novo de área similar.

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO personifica inequivocamente o que são hoje as nossas cidades: um palimpsesto de camadas de tempo, história e múltiplas formas de habitar que, por permanente relação se vão estabelecendo, organizando e construindo, numa paisagem complexa, mas estimulante.

Cabe-nos hoje, habitar a superfície ou extracto contemporâneo e olhar atentamente essas densas acumulações de acções continuadas de transformação. Esta última camada que podemos percorrer, sentir, tocar e que nos permite, também, reconstruir os fragmentos que constituem a unidade de uma cidade, é tão oculta como aparente, exige a cada momento, a cada circunstancia e a cada projecto, uma re-leitura de toda essa complexidade.

Construir é uma acção presente que implica um passado e uma perspectiva de futuro. É uma projecção que traz consigo um legado acumulado de conhecimento e sabedoria, que nos permite realizar as mais incríveis transformações da realidade e que implica directamente as questões do habitar. Representa a mudança e o novo, mas também a possibilidade de recuar no tempo, de investigar e trazer à superfície novas sínteses de continuidade. Construir, condensa em si toda a história da construção e das cidades.

O Construído pressupõe um património, consolidado ou não, mas disponível para o poder-mos decifrar, ler e compreender o seu passado acumulado. O construído conta-nos uma história, de usos, práticas, formas, rituais e deixa-nos sempre, em qualquer lugar, espaço para lhe podermos pertencer. Representa um amplo território claramente habitado, no domínio de todas as suas particularidades. A experiência adquirida que veicula, permite que esse construído se possa continuar a construir ininterruptamente. A sua apropriação gera uma inevitável transformação. Conhecer as suas características é reconhecer os seus efeitos e impactos, nas pessoas, nas cidades, no território, em suma, nas diversas paisagens construídas pelo homem.

Construir no construído representa a acção projectual por excelência. A sua inevitabilidade torna-se numa das matérias de trabalho mais ricas do arquitecto.

Texto de Pedro Pacheco e José Aguiar

Laboratório de projecto VI 5.º ano

Ano lectivo 2011 . 2012/ 1.º semestre
Mestrado integrado em Arquitectura

Professor Doutor Pedro Rodrigues, arq.

Professor Doutor Rui Barreiros Duarte, arq. (coordenador da disciplina)

1. Objectivos da Disciplina

Considerámos como primeiro objectivo a abordagem crítica da cidade nos seus diferentes contextos de formação e problemáticas contemporâneas, no centro e primeira periferia de Odivelas. Assinalámos como instrumento, a construção de um projecto, alargado, que seja suportado por um conjunto metodologias que recorrem à análise do lugar, ao diagnóstico e à proposta de intervenção, materializadas no projecto de Arquitectura e Desenho Urbano integrador.

Pretende-se nesse Projecto a identificação das estruturas de suporte em arquitectura e do lugar tendo como base o tema associado ao **EcoHabitat; a Sustentabilidade e Reabilitação do Bairro na Cidade**. Pretende-se desenvolver sistemas que permitam, com uma implementação, sensível, estabelecer e ligar a diversas Comunidade e os Bairros que se encontram desarticulados entre-si. É, assim, nosso objectivo, Requalificar, segundo a compreensão de formas da análise e a construção do projecto de Arquitectura e Desenho Urbano, tendo como lugar de intervenção, o centro de Odivelas a primeira periferia. É também, nosso objectivo Redesenhar o território, a paisagem do lugar da Ribeira, o seu Reabilitar através de inserções cirúrgicas de equipamentos comuns/públicos". As escalas de intervenção serão da Esc. 1:2000 a 1:200.

Desta forma, é um objectivo, despertar o interesse e a reflexão sobre as referências operativas tectónicas e tipologias de construção modular, simples, associadas ao processo metodológico de compreensão do lugar. Esc. 1: 200 a 1:50 ou 1:10.

É ainda, objectivo principal do projecto EcoHabitat, favorecer a implementação de novos meios de concepção e de produção do habitat sustentável no contexto urbano das regiões do Sudoeste europeu, concentrando a investigação sobre a habitação. Paralelamente, o projecto EcoHabitat ambiciona conseguir estabelecer um referencial de indicadores que possam contribuir para a constituição do *Label Sudoeste*, um *label* de eficiência energética e sustentabilidade adaptado à especificidade do clima do sudoeste europeu.

. Objectivos

Reabilitar o Património:

- Numa vertente de inovação tecnológica sustentável;
- No fomento da regeneração do tecido social da cidade;
- No contributo para a dinamização económica da área de intervenção;
- No incentivo a outros actores locais num processo de reabilitação que tenha como modelo as práticas experimentadas no presente programa;
- Na transferência de *know-how* tecnológico para o sector da construção em Lisboa, dado que se trata de uma tipologia muito corrente.

. Objectivos Estratégicos para o Lugar

A CMO pretende implementar um novo conceito urbano cuja natureza irá incorporar o que é novo no que já existe, de modo a promover uma ocupação ordenada e sustentável do espaço público numa relação integrada com a gestão da edificação (habitação, comércio, serviços) e qualidade ambiental das populações. A proposta para a Regeneração Urbana destes Bairros assenta em 4 eixos fundamentais de acção:

- I. Eixo da qualidade urbana e ambiental: (1) Reconversão do Espaço Público, Infra-estruturas e ambiente urbano com vista à sua qualificação e (2) Criação de Habitação para Jovens;
- II. Eixo da dinamização económica: (1) Novas Oportunidades e Fomento do Empreendedorismo e (2) Criação de espaços para novas actividades económicas no apoio ao auto – emprego e empreendedorismo;
- III. Eixo da dinamização social: (1) Construção e implementação de equipamento de proximidade - Creche; (2) Construção e implementação de equipamento de proximidade - Residências Sénior e Apoio Domiciliária; (3) Netgerações; (4) Promoção da Cidadania da Interação e da Coesão Social e (5) Dinamização de actividades recreativas e desportivas;
- IV. Eixo da dinamização cultural: (1) Dinamização do Centro Histórico; (2) Plano de Divulgação e Comunicação do Programa de acção.

O objectivo global é a criação de uma zona urbana integrada no todo, e dinamizadora das relações humanas consolidando o conjunto global do bairro, considerando as seguintes acções:

- Requalificar o tecido urbano
- Eliminar a imagem negativa associada aos bairros de génese ilegal
- O Programa proposto passa por: novas ligações viárias e equipamentos, elaborando uma solução urbana com base em: baixa/media densidade, entre 2 e 6 pisos; prolongamento do bairro “novo”, 4 a 6 pisos na zona poente; morfologias de 2 a 3 pisos na zona nascente; criação de um centro cívico de fácil acesso; proteger o interior do bairro do atravessamento automóvel; garantir espaço de encontro e diversidade morfológica; e inovar ao nível das infra-estruturas públicas.

As estratégias para o edificado são:

- – baixa densidade com uma organização que promova a integração social / espaços humanizados;

População jovem e novas famílias - inovação tipológica e flexibilidade de espaços construídos;

- Os fogos propostos devem contemplar preocupações ao nível da organização funcional dos fogos, inovação tipológica, flexibilidade em termos construtivos e implementação de sistemas de eficiência energética;
- É proposta uma implantação dos edifícios com orientação preferencial a Sul, para assim reduzir as sombras projectadas sobre outras edificações, beneficiar com os ganhos solares e aumentar a ventilação natural;
- Com vista a aumentar a eficiência energética, está prevista a introdução de painéis solares nos edifícios, para produção de águas quentes sanitárias e para possibilitar, igualmente, a instalação de sistemas comunitários de aquecimento;
- Serão implantados sistemas que incentivem os moradores a gerir correctamente os resíduos domésticos, através da separação dos lixos e promovendo a utilização de Ecopontos. Será, ainda, construído um Posto de Limpeza local que assegurará a gestão dos resíduos sólidos;
- Ao nível do consumo de energia, serão utilizados critérios de iluminação energeticamente eficientes, com a implementação de sistemas de sensores de movimento e luminosidade, bem como a utilização de lâmpadas de baixo consumo.

As estratégias municipais para o desenho urbano são:

- Novas soluções de espaços comuns, de encontro e permanência;
- Soluções avançadas de infra-estruturas e sistemas de redes;
- Optimização funcional do Bairro, transportes e mobilidade pedonal;

Odivelas constrói-se de “laços sociais”, a integração social é também um problema físico de organização espacial. O objectivo é criar um lugar integrado, onde o utilizador faça parte da sua vivência, e desenvolva “ligações” e “afectos” de confiança mútua.

2. Metodologia

A abordagem de um núcleo urbano de pequena dimensão, caracterizado por possuir um limite urbano definido e uma natureza de problemas complexos, que possibilite o estudo da problemática da intervenção em núcleos consolidados informais e da expansão urbana não planeada.

A caracterização e diagnóstico do lugar como unidade e da área de intervenção como parte do todo. A elaboração de uma proposta de programa e respectivas quantificações; a elaboração de uma proposta de redesenho urbano/ edifício do lugar desenvolvida até à escala de pormenor. O projecto de remodelação de um espaço público/equipamento/casas.

A disciplina organiza-se a partir de duas componentes: uma Teórica e uma Prática. Estas duas componentes visam organizar um conjunto de conhecimentos do âmbito da cidade e da arquitectura; sistematizar as diferentes componentes da metodologia de projecto; desenvolver um conjunto de ferramentas operacionais da prática urbanística e de projecto de arquitectura e desenvolver métodos de investigação aos objectivos e temas do ano.

Em síntese devem ser consideradas as seguintes fases metodológicas:

1-Desenvolvimento sustentável e construção de metodologias de abordagem do projecto de Arquitectura e Desenho Urbano segundo esse princípio;

2- Identificação das estruturas de suporte em arquitectura e do lugar tendo como base o tema proposto;

3 – Compreensão de formas de instrumentalização da análise e do projecto de Arquitectura/ Desenho Urbano, segundo uma lógica de sustentabilidade social: Esc. 1:2000 a 1:200;

4- Despertar o interesse e a reflexão sobre as estratégias operativas morfológicas, tipológicas e tectónicas de construção modular, associadas ao processo metodológico de compreensão do Espaço sudoeste da Europa com especial relevo na cidade de Odivelas (Clima, Estrutura Física, Contexto Económico, Social, e Cultural) Esc. 1: 200 a 1:10 ou 1:5;

5- A constituição do processo e método de aprendizagem tendo como base o conhecimento tectónico e a leitura do lugar;

6– A evolução do conhecimento e processo de transformação da aprendizagem - Recurso analógico instrumental tendo como base a leitura de projectos arquitectónicos/urbanos considerados como “boas práticas”.

3. Sítio

No primeiro semestre do ano lectivo de 2011/2012 foi escolhido como objecto de estudo e intervenção no centro de Odivelas.

A cidade de Odivelas é actualmente, um aglomerado urbano de grande dimensão, relativamente mal delimitado já com alguma identidade social, e susceptível de uma reabilitação. Detêm em determinados lugares uma vivência urbana pouco valorizada e qualificada e sem grandes ligações preferenciais de proximidade com o centro da cidade.

4. Componente Prática

A componente prática desenvolve-se através da realização de exercícios que abordem as diferentes escalas do projecto visando desenvolver e estimular a capacidade do aluno com temas de análise, diagnóstico e programas de intervenção sobre a cidade. A saber:

4.1 Exercícios:

a) Caracterização, Análise e Diagnóstico uma parte do lugar e a sua relação com o território envolvente, determinando a partir da situação existente, os seus problemas e suas possibilidades de desenvolvimento em função do seu potencial e vocação no contexto urbano.

Bibliografia de apoio:

Documentação técnica editada pelo Pelouro do Urbanismo e instrumentos de gestão territorial fornecidos pela Câmara Municipal de Odivelas.

b) Elaboração de um Projecto de recuperação de um lugar considerado, público, consolidado, pertencente ao aglomerado em estudo, a partir da compreensão das suas características e avaliação dos seus problemas e potencialidades.

c) Projecto de Arquitectura dum equipamento ou/e conjunto habitacional, a partir da construção de um programa de intervenção que considere o uso habitacional e os equipamentos para uma população pré-determinada, quantificando as áreas necessárias a cada um dos componentes, tendo em conta aspectos definidos na análise e diagnóstico, o estudo das potencialidades e modelos de organização urbana.

4.2. Esbocetos

Elaboração na aula de trabalhos de duração reduzida - 3, 6 ou 9 horas - no âmbito dos conteúdos disciplinares do ano, com temas objectivos dados no início do trabalho. Os temas poderão estar relacionados com problemas concretos encontrados no decurso dos trabalhos, visitas de estudo ou contextualizados com acontecimentos do quotidiano.

5. Componente Teórica

A componente teórica desenvolve-se através de um conjunto de lições que sistematizam os conhecimentos sobre os temas inscritos nos objectivos programáticos da disciplina e das leituras obrigatórias como elementos de reflexão.

5.1. Aulas Teóricas

As aulas teóricas deverão abordar e desenvolver os seguintes temas:

- Identificação da estrutura física do território e dimensionamento funcional do objecto lugar / edificado e seus limites.
- Estratificação topológica das funções do lugar.
- Estratificação topológica das funções do edificado no lugar.
- Estratificação da noção do lugar com base em leituras espaciais, referenciadas por edificado - leitura de percurso, de limite, de 1ª centralidade e de outras centralidades.
- Estratificação topológica do edificado no lugar, – Conforto na articulação das suas partes, espaço e função. - sentido de proximidade, funcionalidade e eficácia (comodidade) – qualidades estéticas - plano e edificado desenhado (prazer transmitido pela vivência corporal e dos sentidos(alma).
- A casa modular evolutiva - unidade mínima de habitação.
- A formação urbana e a intervenção na cidade consolidada; A intervenção em espaços públicos; A expansão urbana; Os programas habitacionais; A elaboração de planos de urbanização e planos de pormenor; A programação de áreas habitacionais e equipamentos.

5.2. Leituras Obrigatórias

De entre as obras recomendadas na Bibliografia seleccionam-se 2 livros ou textos de leitura obrigatória que serão objecto de sínteses em fichas de leitura e debates.

6. Caderno Diário

O percurso do ano será acompanhado por um caderno diário onde se registarão apontamentos, desenhos de observação e projecto e fases do trabalho expressamente indicadas para além de outros apontamentos extracurriculares relevantes.

7. Modalidades e critérios de Avaliação

A avaliação da disciplina possui uma componente de avaliação contínua, onde se considera o desenvolvimento dos trabalhos e a participação e presença nas aulas; uma componente de avaliação periódica, que incide sobre as apresentações públicas de cada um dos trabalhos realizados; e uma componente de exame final, realizado perante júri, onde se avaliam todos os trabalhos do semestre, tendo em conta as classificações anteriores e as outras componentes de avaliação.

8. Bibliografia Geral

Bibliografia de apoio: ARQUITECTURA/ CIDADE

BENEVOLO, Leonardo, - *Diseño de la Ciudad* - Edit. G. Gili, Barcelona, 1977.

BONET CORREA, António, "*Las Claves del Urbanismo – como identificarlo*", Ed Ariel, S.A., Barcelona, 1984.

CHOAY, Françoise, - *A Regra e o Modelo, sobre a teoria da Arquitectura e Urbanismo*, Estudos, Editora Perspectiva, 1985, São Paulo.

CHOAY, Françoise, - *Urbanisme, Utopies et Réalités* - Edit. Seuil, Paris, 1965.

CULLEN, Gordon, - *Paisagem Urbana*, Arquitectura e Urbanismo, Ed. Edições 70, Lisboa.

FIZ, Simón Marchán – *Contaminaciones figurativas*, Alianza Forma Editorial, 1986, Madrid.

HERTZBERGER, Herman, "*Lições de Arquitectura*", Martins Fontes, São Paulo, 1999.

KOSTOF, Spiro, - *The City Shaped, Urban Paterns and Meanings Through History*, 1991, ed. Thames and Hudson.

KRIER, Robert; et all, *Town Spaces. Contemporary interpretations in traditional Urbanism*, Birkhäuser, Basel, 2ª edição, 2006.

MORALES, Ignasi de Sola, - *Territórios*, prólogo de **Saskia Sassen**, Ed. Gustavo Gili. 2002, Barcelona.

MORALES, Ignasi de Sola, - *Diferencias, topografia de la arquitectura contemporánea*, prólogo **Peter Eisenman**, Ed. Gustavo Gili. 2003, Barcelona.

MORRIS, A.E.J. "*História de la Forma Urbana*" - Ed. G. Gili, Barcelona, 1984.

PANERAY, Philippe; **DEPAULE, Jean Charles** ; **DEMORGON, Marielle** ; **VEYRENCHÉ, Michel** "*Eléments d'Analyse Urbaine*" - Archives d'Architecture Moderne, Bruxelas, 1980.

PORTAS, Nuno, Funções e exigência na habitação, LNEC, Lisboa, 1970.

SICCA, Paolo , "*Storia dell'Urbanistica*" - 4 vol., Ed. Laterza, Bari 1980/1981, ou trad. castelhana - Ed. Gustavo Gili.

SOLA-MORALES Y RUBIÓ, Manuel de "*Las Formas de Crecimiento Urbano*", Ed. UPC, Barcelona, 1997

PARDAL, Sidónio; **CORREIA**, Paulo V. D.; **COSTA LOBO**, Manuel, "*Normas Urbanísticas Vol. II, Desenho Urbano, Apreciação de Planos, Planos Urbanos*", GOTDU-UTL, Lisboa, 1998.

PEDRO, João Branco "*Do bairro e da vizinhança à habitação. Tipologias e caracterização dos níveis físicos residenciais*", LNEC, Lisboa, 1998.

"*Programa habitacional. Vizinhança próxima*", LNEC, Lisboa, 1999.

FILOSOFIA E CIÊNCIA

BAUDRILLARD, Jean, – *O crime perfeito*. Ed. Relógio D'água, 1996, Lisboa. **CALVINO, Italo**, - *As Cidades Invisíveis*, Estórias, Editorial Teorema, 2003, Lisboa. **DELEUZE, Gilles**, - *Conversações*, Ed. Fim de Século, 2003, Lisboa.

FONSECA, Victor da – *Aprender a aprender, a educabilidade cognitiva*, notícias editorial, 1996, Lisboa.

HEIDEGGER, Martin – *O conceito de Tempo*, Ed. Fim de Século, 2003, Lisboa.

LYOTARD, Jean François, – *A condição pós-moderna*, trajectos, Ed. Gradiva, 2003, Lisboa. **MERLEAU-PONTY, Maurice**, – *Fenomenologia da Percepção*, Ed. Martins Fontes, 1999, São Paulo. **MORUS, Tomás**, – *A Utopia*, Colecção Filosofia & Ensaios, Guimarães Editores. 2003, Lisboa.

I.II ANÁLISE SÓCIO-ECONÓMICA

Laboratório de Projecto VI

Professor Dr. Pedro Rodrigues, Arq.

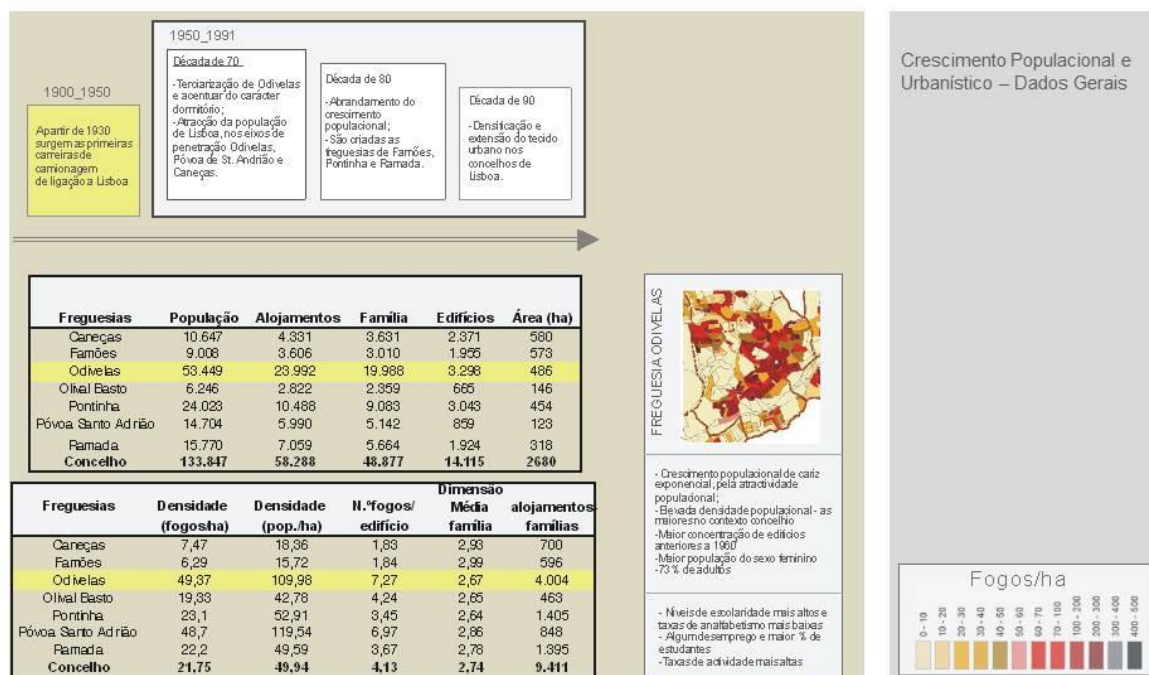
Professor Dr. Rui Barreiros Duarte, Arq.

MI Arq. 5ª D

2011-2012



ANÁLISE SÓCIO-ECONÓMICA





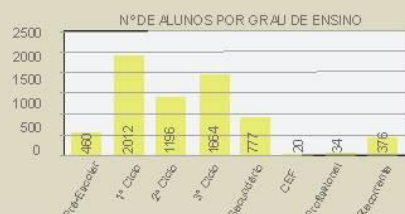
ANÁLISE SÓCIO-ECONÓMICA

POPULAÇÃO RESIDENTE EM ODIVELAS_2001



NÍVEL DE QUALIFICAÇÃO ACADÉMICA

Sem nível de ensino	1º Cido do Ensino Básico	2º Cido do Ensino Básico	3º Cido do Ensino Básico	Ensino Secundário	Curso Médio	Curso Superior
5496	13111	5915	10220	9299	485	4361



Dados Demográficos

- 2001 _ 53641 habitantes
- 2011 _ 59172 habitantes
- (acréscimo de 10%)

Baixo nível de escolaridade

- 10% analfabetismo
- 22% ensino básico
- 30% escolaridade obrigatória
- 18% ensino secundário
- 10% ensino médio/superior

3



ANÁLISE SÓCIO-ECONÓMICA

POPULAÇÃO RESIDENTE EM ODIVELAS_2001

POPULAÇÃO RESIDENTE

Tipo de Nacionalidade	Nº Total de Habitantes
Portuguesa	49522
Dupla Nacionalidade	749
Estrangeira	3163

TIPOS DE NACIONALIDADE

Nacionalidades	Nº Total de Habitantes
Timor	2
Angola	1080
Moçambique	124
Cabo Verde	236
Alemanha	6
França	20
Brasil	227
Venezuela	0
Outro País	1468

Dados Demográficos, imigração, minorias étnicas e exclusão social

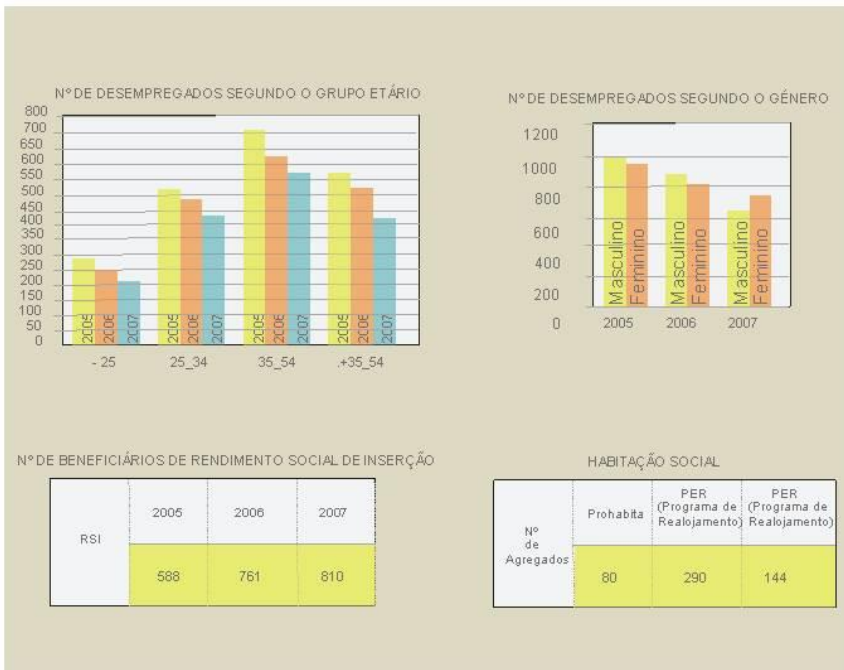
2001 - população multicultural 8%

2001-2011
Grande fluxo de imigração de leste (sem dados estatísticos)
Dificuldades na integração das novas comunidades.
Problemas de exclusão social.

4



ANÁLISE SÓCIO-ECONÓMICA



Realidade Social

Desemprego – 10%

População carenciada

Parque habitacional degradado

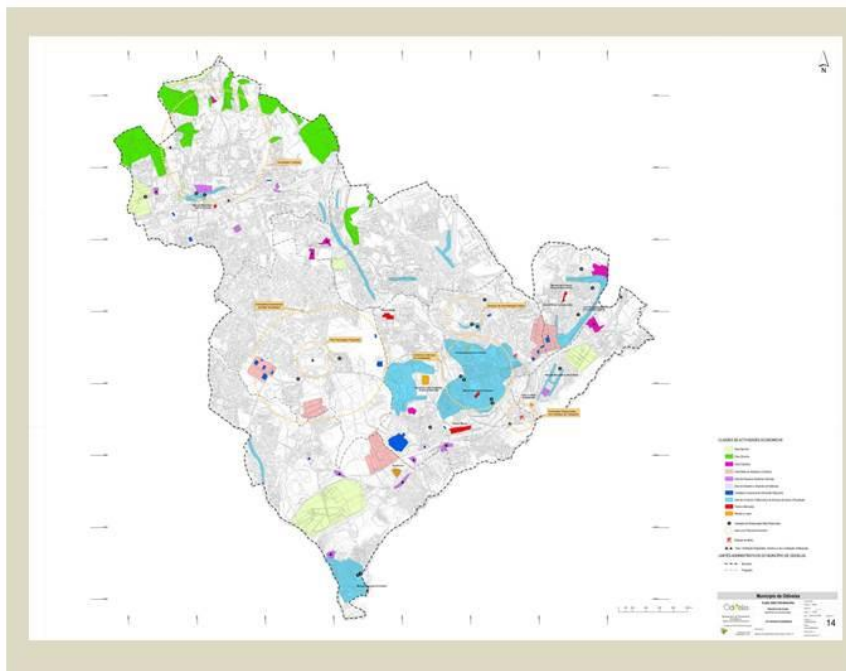
Degradação dos bairros sociais

Existência de AUGIs

Estigmatização de comunidades / espaços residenciais



ANÁLISE SÓCIO-ECONÓMICA



Actividades Económicas

O sector terciário é o que mais predomina no concelho, seguindo-se o secundário e depois o primário, este último com uma presença muito reduzida.

Actividades mais representadas no concelho: Comércio (a retalho e por grosso) a hotelaria e restauração, a indústria transformadora (de papel, artes gráficas e edição, metalúrgica e metalomecânica, de máquinas e electrónica) e a construção civil.



I.III FICHAS DE USOS

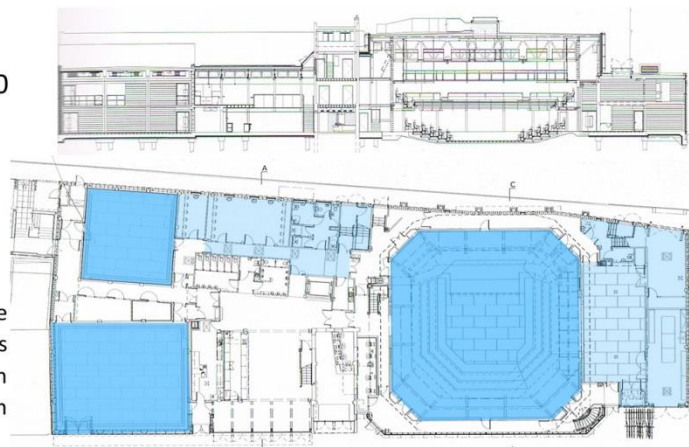
Auditórios/Teatros

Young Vic Theatre

Área/Capacidade: 100 m2/70, 187 m2/150, 400 m2/500

Espaços: Auditórios - 3
Foyer
Camarins
Cargas e Descargas - 2
Bar de Apoio

Funções Cruzadas: Os auditórios, apesar de terem zonas de cargas e descargas individuais, partilham os camarins, o foyer e o bar de apoio. Por terem dimensões e capacidades diferentes, podem albergar diferentes tipos de espectáculos

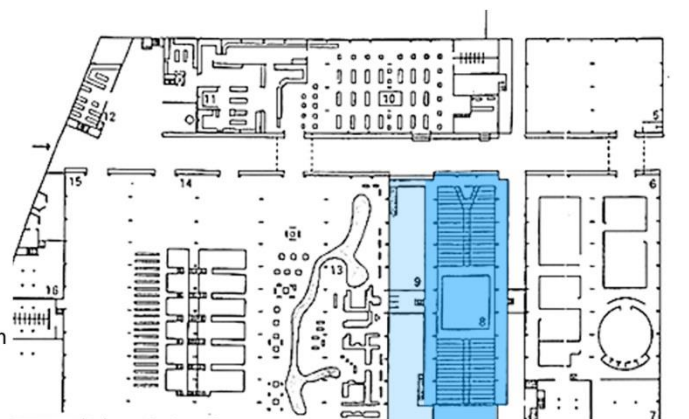


SESC Pompéia

Área/Capacidade: 800 pessoas

Espaços: Foyer/Zona de Exposições

Funções Cruzadas: O Foyer coberto do teatro funciona também como zona de exposições.



De Kammers House of Culture

Área/Capacidade: 170 m2/111 pessoas

Espaços: Foyer
Cargas e Descargas
Camarins

Funções Cruzadas: O Foyer situa-se no vestibulo de entrada, que distribui para todas as outras salas do edificio.

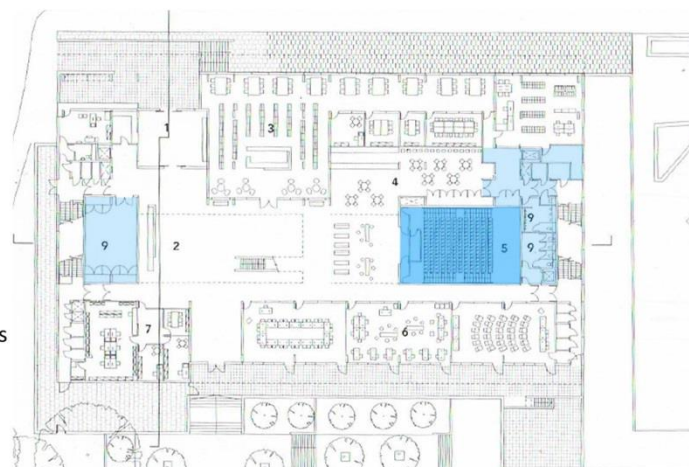


Westminster Academy

Área/Capacidade: 150m2/180 pessoas

Espaços: Auditório
Sala de Teatro
Camarins

Funções Cruzadas: O Auditório serve de apoio às aulas lecionadas e ao nucleo de teatro com sala própria.



Salas de Aula/Multisusos

Idea Store Whitechapel

Espaços: Sala de Dança - 140 m²
Sala de Terapia - 90 m²
Salas de Aula I - 4x45 m²
Salas de Aula II - 4x30 m²

Funções Cruzadas: As salas de dança e terapia partilham o balneário e depósito. As restantes salas estão dispostas ao longo do edifício, em estreita relação com a biblioteca.



Biblioteca Pública y Parque de Lectura

Espaços: Salas de Aula - 3x50 m²
Sala Nocturna - 220 m²

Funções Cruzadas: As salas de aula são para uso da comunidade e dão apoio às escolas que existem na proximidade, assim como a sala nocturna que complementa também a biblioteca.



Coin Street Neighbourhood Centre

Espaços: Sala de Reuniões - 24 m²
Sala Multiusos c/ cozinha - 140 m²
Oficinas c/cozinha -480 m²

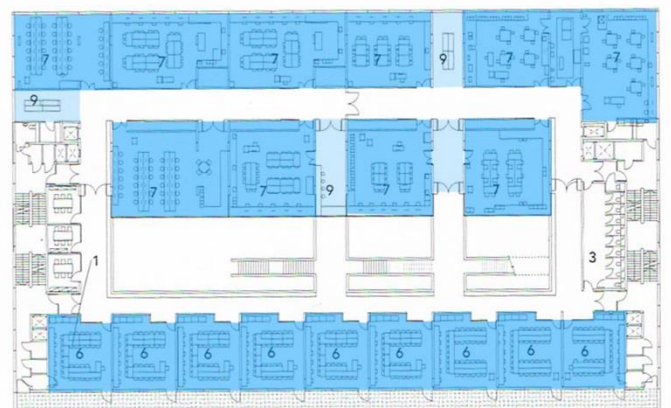
Funções Cruzadas: Todas as salas, são para usufruto da comunidade, mas são também alugadas a terceiros para angariação de fundos.



Westminster Academy

Espaços: Salas de Aula - 18x50 m²
Salas Multiusos - 4x150 m²
Estúdios - 14x90 m²
Laboratórios - 6x75 m²

Funções Cruzadas: As salas são tanto usadas no dia a dia da escola, como fora do tempo de aulas, pelos diversos núcleos extra-curriculares e pela comunidade.



De Kammers House of Culture

Área: Sala de Estar - 50 m2
Espaços: Sala de Leitura - 50 m2
Sala "Superior" - 65 m2

Funções Cruzadas: Todo o edifício está organizado como que em "salas temáticas", para além das referidas, temos ainda o teatro, o bar e a entrada/foyer que faz a distribuição para todo o edifício.

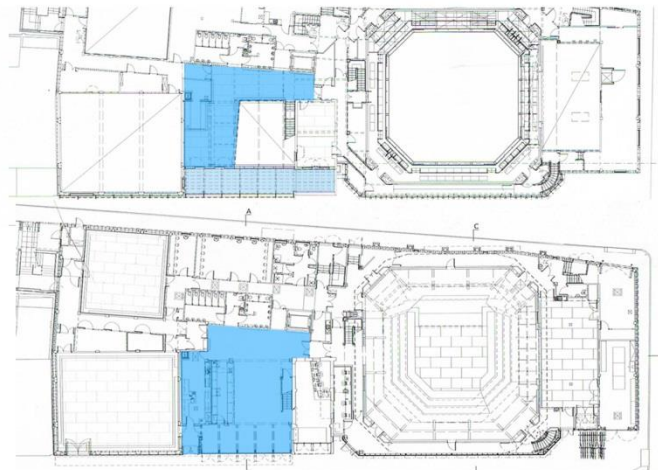


Bar/Refeitório

Young Vic Theatre

Área: 140 m²
Espaços: Restaurante
Bar

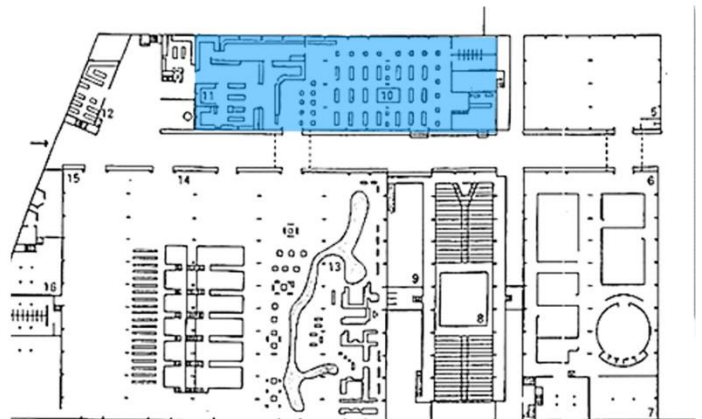
Funções Cruzadas: O bar situa-se por cima do restaurante, em mesanine e partilham o espaço com o foyer dos auditórios



SESC Pompéia

Área:
Espaços: Refeitório - 2000 refeições
Cozinha

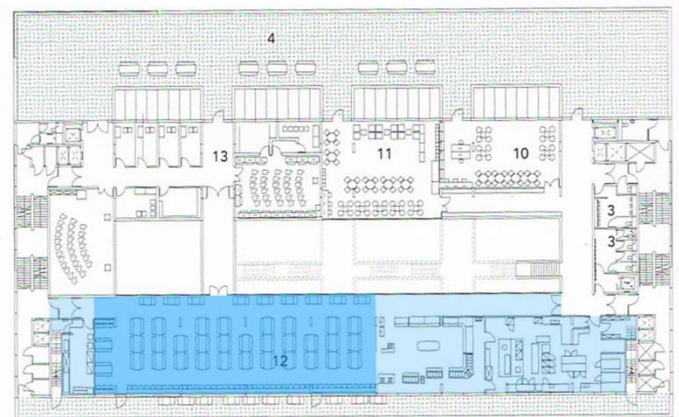
Funções Cruzadas:



Westminster Academy

Área: 400 m²
Espaços: Refeitório
Cozinha

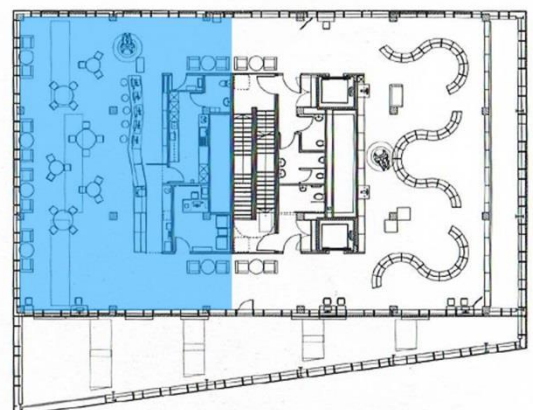
Funções Cruzadas: O refeitório da academia situa-se no ultimo piso e serve os alunos e professores da mesma.



Idea Store Whitechapel

Área: 150 m²
Espaços: Refeitório
Cozinha

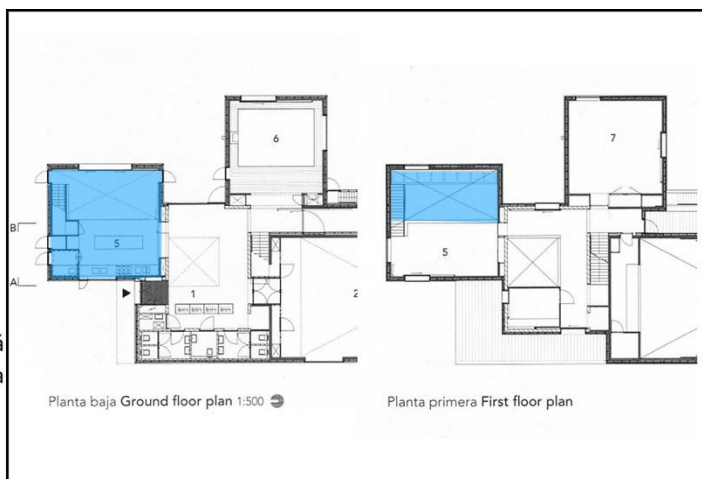
Funções Cruzadas: O refeitório situa-se no ultimo piso do edificio em conjunto com a zona de exposições.



De Kamers House of Culture

Área: 55 m2
Espaços: Bar
Cozinha
Armazém

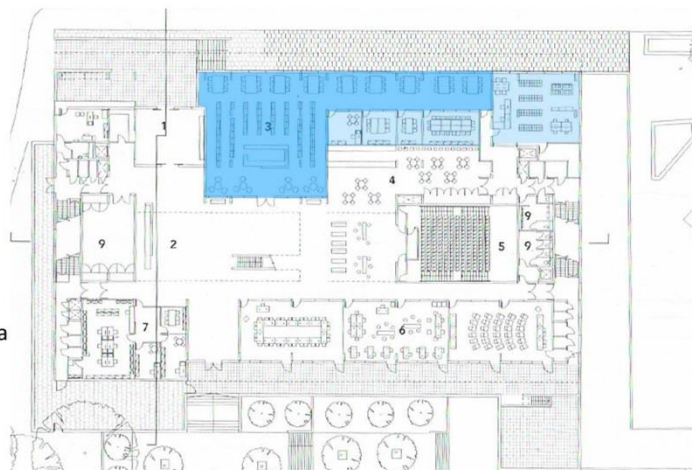
Funções Cruzadas: Tal como o resto do edifício, o bar está conectado com as outras salas através da entrada/foyer.



Bibliotecas

Westminster Academy

Área: 640 m²
 Espaços: Sala principal (recepção, consulta e leitura)
 Salas de estudo - 3
 Sala de reuniões
 Sala de reservados
 Funções Cruzadas: Partilha a administração com o resto da academia e complementa as salas de aula.



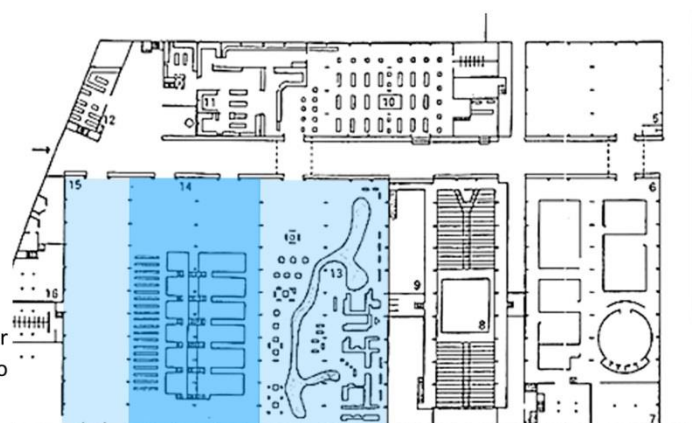
Idea Store Whitechapel

Área: 1600 m²
 Espaços: Biblioteca Infantil
 Mediateca
 Salas de estudo - 6
 Funções Cruzadas: Partilha a mesma área com a zona de exposições, complementa as salas de aula e a administração é a mesma que para a creche, refeitório e todos as outras funções do edifício.



SESC Pompéia

Área: 4.700 m²
 Espaços: Biblioteca
 Espaço de leitura
 Espaço de jogos
 Zona de exposições
 Funções Cruzadas: Partilha o espaço com a grande zona de estar e com a zona de exposições. A administração é a mesma para todo o edifício.



Biblioteca Pública y Parque de Lectura

Área: 500 m²
 Espaços: Zona de Leitura
 Videoteca
 Sala Infantil
 Sala nocturna
 Funções Cruzadas: Por ser um edifício continuo, todas as funções estão ligadas entre si, podendo algumas funcionar independentemente, como a sala nocturna e as salas de aula e de exposições.

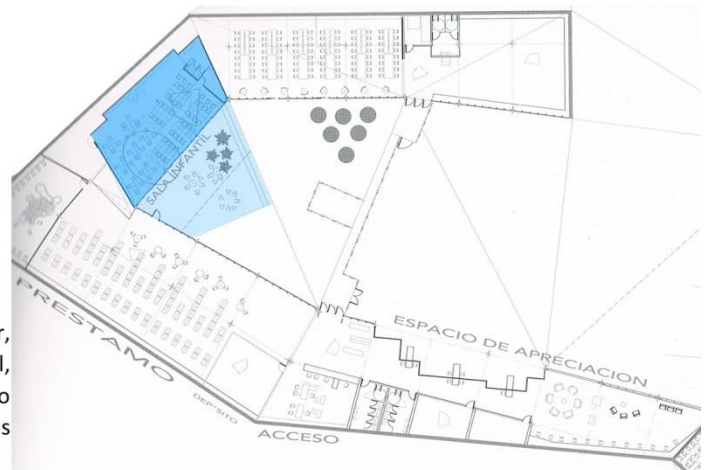


Creche/Sala Infantil

Biblioteca Pública y Parque de Lectura

Área: 150 m²
 Espaços: Sala Infantil
 Pátio exterior

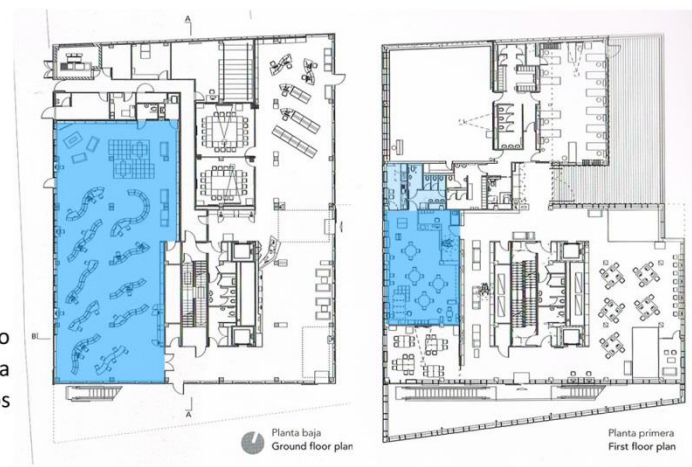
Funções Cruzadas: A sala infantil, servida por um pátio exterior, funciona como biblioteca infantil, complementando o resto das funções do edifício e apoiando as escolas que existem nas proximidades.



Idea Store Whitechapel

Área:
 Espaços: Biblioteca Infantil - 310 m²
 Cresce - 90 m²

Funções Cruzadas: A Biblioteca Infantil funciona em conjunto com a cresce e com o resto do edifício, mas a cresce está mais direccionada para os filhos dos usuários do edifício.



Coin Street Neighbourhood Centre

Área: 500 m²
 Espaços: Infantário
 Cresce
 Cozinha
 Pátio exterior

Funções Cruzadas: A cresce do Centro ocupa todo o primeiro piso do mesmo e funciona como um infantário dirigido à comunidade.



Exposições

Biblioteca Pública y Parque de Lectura

Área: 240 m2

Espaços:

Funções Cruzadas:

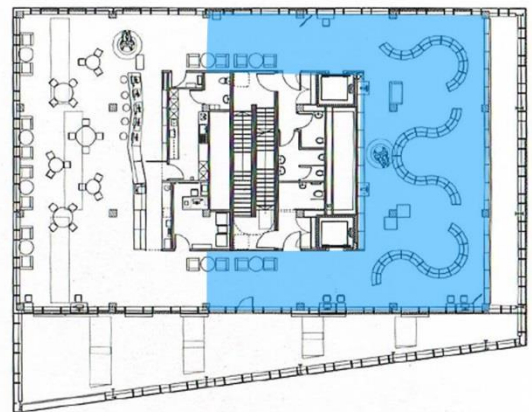


Idea Store Whitechapel

Área: 180 m2

Espaços:

Funções Cruzadas: A zona de exposições ocupa o ultimo piso do edificio em conjunto com o refeitório.

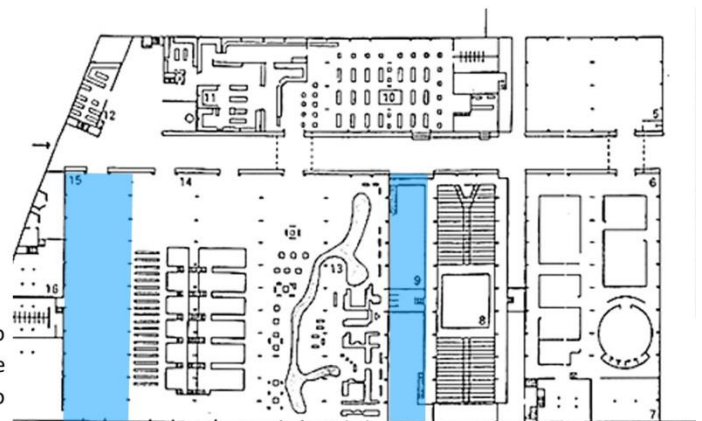


SESC Pompéia

Área:

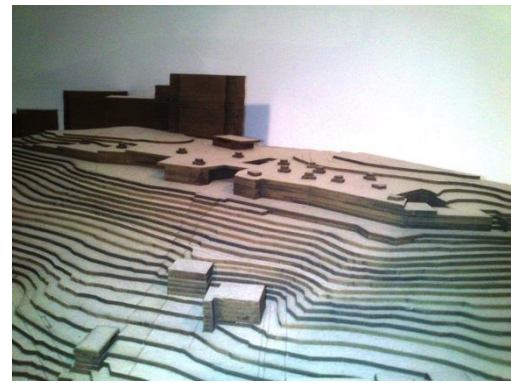
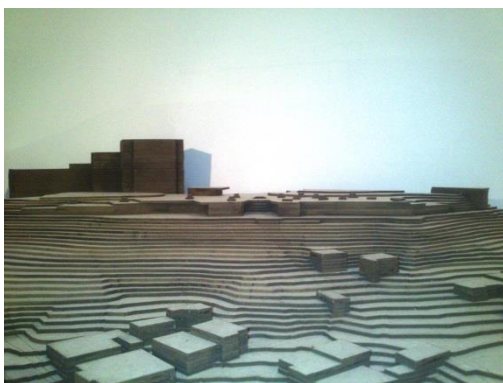
Espaços: Zonas de exposições - 2

Funções Cruzadas: Uma das zonas de exposições partilha o espaço com a biblioteca e a outra, de exposições temporárias, serve de foyer para o teatro.

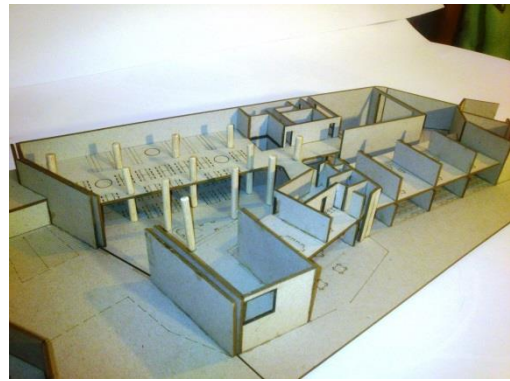
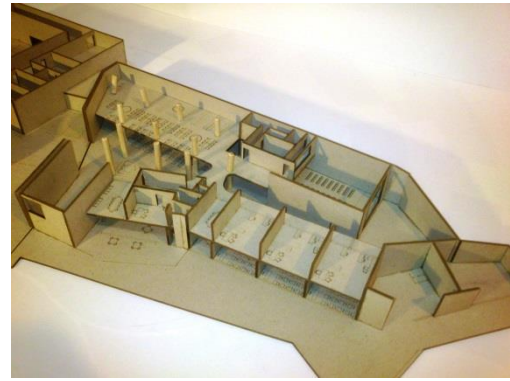
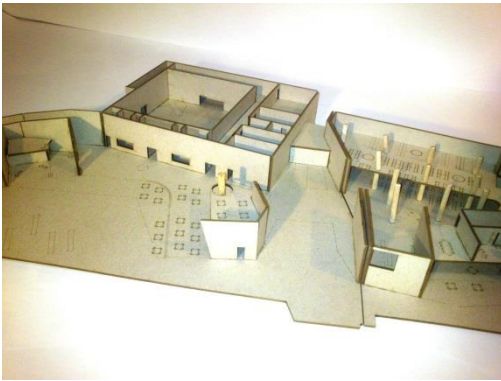
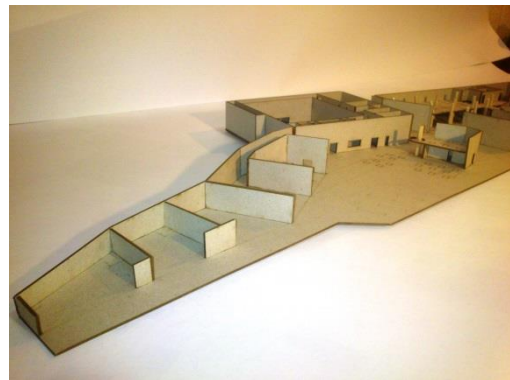
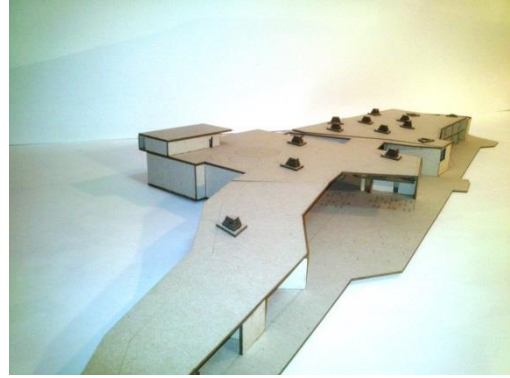


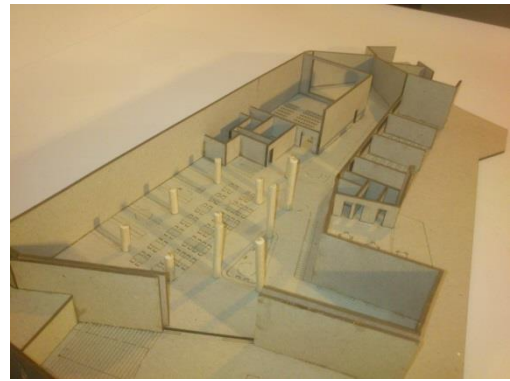
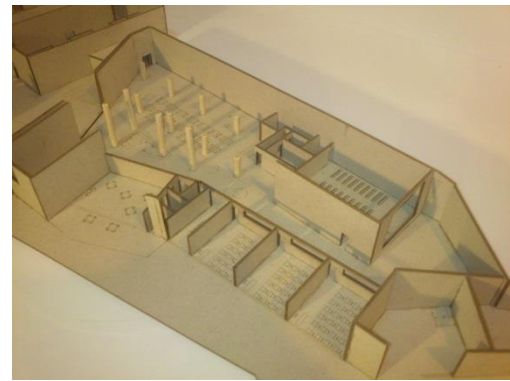
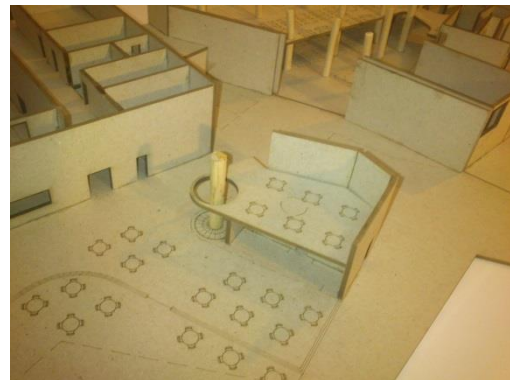
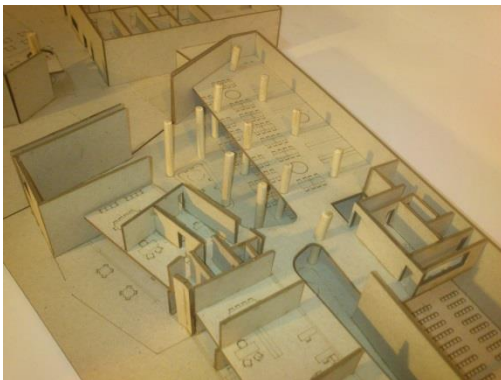
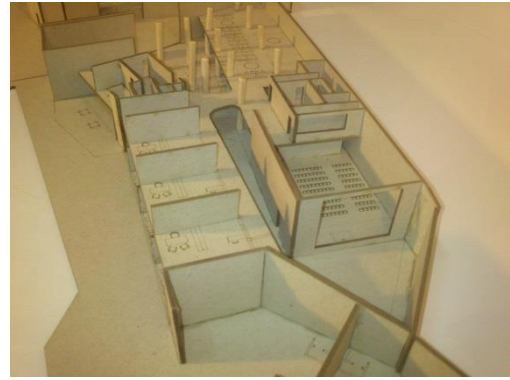
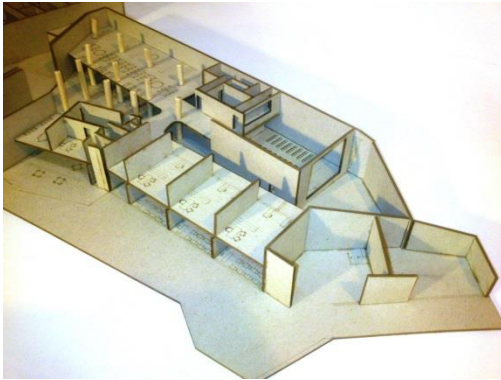
II FOTOGRAFIAS DAS MAQUETAS

II.I MAQUETA 1/500



II.II MAQUETA 1/200





III PEÇAS DESENHADAS